

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

EMERSON MELO MEDEIROS

SANTO AGOSTINHO: A BUSCA PELA VERDADE

MACEIÓ  
2023

EMERSON MELO MEDEIROS

SANTO AGOSTINHO: A BUSCA PELA VERDADE

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. José Urbano de Lima Júnior

Maceió  
2023

Catálogo na Fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico  
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M488s Medeiros, Emerson Melo.

Santo Agostinho : a busca pela verdade / Emerson Melo Medeiros. – 2023. 61 f.

Orientador: José Urbano de Lima Júnior.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 60-61.

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. 2. Verdade (Teologia cristã).
3. Deus. I. Título.

CDU: 215

## Folha de Aprovação

EMERSON MELO MEDEIROS

SANTO AGOSTINHO: A BUSCA PELA VERDADE

Projeto apresentado ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, apresentado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Me. José Urbano de Lima Júnior (UFAL)

---

Examinadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Roberta Benevenuto de Souza (UFAL)

---

Examinador: Prof. Dr. João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias (UFAL)

À Santíssima Trindade, à Nossa  
Senhora e à Santa Teresa do  
Menino Jesus e da Sagrada  
Face por terem me ajudado.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha amada mãe, Maria José, por todo esforço e dedicação para comigo. Ao meu irmão, Emanuel, pelo coleguismo de sempre.

Aos meus amigos Washington Ferreira, Kelli Oliveira e Emanuella pelos anos de convivência e pela parceria de todas as horas, que se estenderam para além da academia.

Ao professor José Urbano pela paciência e deferência para com meu trabalho, sem a sua ajuda esse projeto não seria possível.

"Não é certo que os leitores de Agostinho passarão pelos portais do céu. Mas é seguro que eles entrarão no paraíso da literatura."  
(Luiz Felipe de Alencastro)

## RESUMO

A busca da verdade sempre fez parte da vida humana, por isso, desde o início da filosofia, os grandes filósofos, inconformados com as explicações superficiais a respeito do mundo, dedicaram-se a discutir tal problema. Nesse sentido, este trabalho objetiva fazer uma investigação e uma análise de como Santo Agostinho traz à tona a problemática da verdade, evidenciando a relação da Verdade-Eterna, Deus, com as verdades terrenas, relação essa que se evidencia de modo mais intenso na medida em que Agostinho aproxima sua filosofia com a teologia cristã. Ademais, diante dos fundamentos dogmáticos do pensamento agostiniano no que diz respeito à apreensão da verdade, o bispo de Hipona se depara com os ensinamentos dos cétricos. Salienta-se como Agostinho irá se valer da filosofia "pagã" de Platão para formular sua teoria da iluminação divina, bem como, a necessidade evidente da dimensão corpórea nesse processo constante de busca, apontado como o santo bispo irá relacionar o sentido interior, exterior e a razão nesse processo de aquisição. Por fim, iremos chegar ao cume desse trabalho, quando trataremos da "classificação das verdades" agostinianas.

**Palavras-chave:** Santo Agostinho; verdade; Deus

## **ABSTRACT**

The search for truth has always been part of human life, and that is why, since the beginning of philosophy, the great philosophers, not satisfied with the superficial explanations about the world, have dedicated themselves to discussing this problem. In this sense, this work aims to investigate and analyze how Augustine brings the problem of truth to the surface, highlighting the relationship between the Eternal-Truth, God, and the earthly truths, a relationship that becomes more intense as Augustine brings his philosophy closer to Christian theology. Furthermore, in the face of the dogmatic foundations of Augustinian thought with regard to the apprehension of truth, the bishop of Hippo is confronted with the teachings of the skeptics. Furthermore, it remains to be pointed out how Augustine will make use of Plato's "pagan" philosophy to formulate his theory of divine illumination, as well as, the evident need of the corporeal dimension in this constant search process, pointing out how the holy bishop will relate the inner, outer sense and reason in this acquisition process. Finally, we will reach the summit of this work, when we will deal with the Augustinian "classification of truths".

**Keywords:** Saint Augustine; truth; God.

## LISTA DE ABREVIATURAS

### OBRAS DE SANTO AGOSTINHO

<i>Conf.</i>	<i>Confissões</i>
<i>Contra acad.</i>	<i>Contra os Acadêmicos</i>
<i>De beat. vit.</i>	<i>A Vida Feliz</i>
<i>De civ. Dei</i>	<i>A Cidade de Deus</i>
<i>De doc. Chr.</i>	<i>A Doutrina Cristã</i>
<i>De lib. arb.</i>	<i>O Livre-arbítrio</i>
<i>De mag.</i>	<i>O Mestre</i>
<i>De nat. bon.</i>	<i>A Natureza do Bem</i>
<i>De nat. et grat.</i>	<i>A natureza e a Graça</i>
<i>De ord.</i>	<i>A Ordem</i>
<i>De Trin.</i>	<i>A Trindade</i>
<i>De vera rel.</i>	<i>A Verdadeira Religião</i>
<i>Sol.</i>	<i>Solilóquio</i>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2. AGOSTINHO DE HIPONA E A BUSCA PELA VERDADE</b>	<b>15</b>
2.1 A fase maniqueísta de Agostinho	16
2.2 A refutação de Agostinho ao Ceticismo	19
<b>3. A “TEORIA DO CONHECIMENTO” DE AGOSTINHO</b>	<b>30</b>
3.1 A relação entre fé e razão	30
3.2 A importância do sentido exterior	32
3.3 A atuação do sentido interior como juiz das sensações	36
3.4 A importância da razão para a aquisição do conhecimento da verdade.	39
3.5 A Teoria da Iluminação Divina no processo de conhecimento.	41
<b>4. SOBRE A VERDADE</b>	<b>46</b>
4.1 Verdade Ontológica Original	48
4.2 Verdade Epistemológica	50
4.3 Verdade Ontológica por Participação.	54
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente monografia irá apresentar ao leitor o caminho percorrido por santo Agostinho na busca pela verdade, analisando como desenvolveu-se o pensamento agostiniano a respeito da verdade e como o homem, iluminado pela graça de Deus, pode conhecer a Verdade Eterna e as outras verdades. Antes de adentrarmos em cada capítulo de modo particular, faz-se necessário salientar ao leitor algumas particularidades sobre o Bispo de Hipona no que diz respeito às suas obras.

A temática da verdade é uma indagação sempre presente no curso histórico da filosofia. Grandes nomes da filosofia propuseram conceitos e modos de como chegar à verdade, alguns ainda afirmaram que a verdade não existe e que por consequência lógica não se pode chegar a ela. No tocante ao bispo de Hipona, a temática da verdade sempre esteve presente em suas obras, consequência das experiências filosóficas e religiosas vividas ao longo desse processo de descoberta; a passagem de Agostinho por diversas seitas e seu desaguar no cristianismo é uma prova cabal da sua constante busca pela verdade.

Sendo a filosofia de Agostinho, um puro reflexo de sua vida, não é estranho que a verdade também se faça presente na maioria de suas obras. Apesar da importância da verdade nos escritos de Agostinho, o santo bispo não dedicou nenhuma obra para falar exclusivamente da verdade, mas é possível analisar que em quase todas as suas obras Agostinho faz alguma referência direta à Verdade. O santo bispo sempre consegue relacionar o aspecto da verdade a qualquer tema que esteja trabalhando. É assim nas *Confissões*, nos *Soliloquios*, *Vida Feliz*, *Cidade de Deus* e tantas outras. Daí, segue-se que para Agostinho a verdade é o fundamento de toda sua filosofia, tendo em vista que de modo bem sucinto e direto a verdade é Deus. Porém, como veremos no decorrer do trabalho, Agostinho não se contenta em denotar somente a Deus o caráter de verdade, mas outras coisas também são “verdade/verdadeiras”. Dessa forma, nosso trabalho irá demonstrar todo esse esforço de Agostinho em buscar a verdade e demonstrar como Deus é a Verdade Eterna, e como as coisas, cada uma em seu grau, também são verdadeiras.

Outro ponto a ser esclarecido diz respeito à metodologia de Agostinho. Agostinho é um filósofo pouco sistemático, ou seja, se alguém quiser estudar algum tema a partir de Agostinho provavelmente terá que ler uma grande parte de suas

obras, tendo em vista que, via de regra, Agostinho não escreve sobre determinado tema em determinada obra. Pelo contrário, o santo bispo escreve sobre: “tudo em tudo”. Por exemplo, nas *Confissões*, uma das obras mais célebres do Autor, é possível analisar uma imensidão de assuntos tratados. Desde uma pequena autobiografia, capítulos sobre a verdade, sobre o tempo, sobre a memória e até comentários sobre as Escrituras Sagradas. Essa falta de sistemática torna mais árduo o estudo, visto que é preciso passear por inúmeras obras para tentar chegar à completude do tema que se está trabalhando, seja ele qual for, no nosso caso a verdade. Hannah Arendt em uma de suas obras consegue sintetizar muito bem esse pensamento acerca do método agostiniano. Vejamos a seguir:

Não há dúvidas de que Santo Agostinho está entre os maiores e mais originais pensadores; não era, porém, um “pensador sistemático”, e é verdade que o corpo principal de sua obra está “repleto de linhas de pensamento que não vão até as últimas consequências e de empreitada literárias abandonadas - além de estar cheio de repetições. Nestas condições, cumpre notar a continuidade dos tópicos principais que ele no fim da vida submeteu a um exame minucioso intitulado *Retractationes*, ou Retratações - como se o Bispo e Príncipe da Igreja fosse o seu próprio Inquisidor<sup>1</sup>.

A não sistematização de Agostinho não reduz, em nada, sua genialidade, pelo contrário, só reforça a sua esperança em procurar a verdade no cotidiano da vida, em todos os momentos, de modo sério e eficaz, ou seja, a busca sedenta de Agostinho pelas Verdades Eternas se confunde com sua própria vida, não tendo o Bispo se preocupado em organizar de modo “metódico” e sistemático seus livros por temas. Desta feita, nos resta ter cuidado e destreza ao embarcar nos estudos do grande bispo.

No primeiro capítulo, veremos o percurso intelectual do bispo de Hipona nessa empreitada pela busca da verdade, desde a sua adesão ao maniqueísmo, sua passagem pela doutrina da Nova Academia (ceticismo) até sua conversão ao cristianismo.

A fase maniqueísta de Agostinho é de extrema importância para a formação intelectual do pensador de Hipona, tendo em vista que, em sua passagem pela seita maniqueístas tentando encontrar respostas, Agostinho se vê insatisfeito com as inconsistências do pensamento maniqueísta que não conseguiam responder a indagações até então simples, pois necessitavam de uma fundamentação mais

---

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah. **A vida do Espírito: o pensar, o querer e o julgar**. Rio de Janeiro: Rulumé Dumará, 1995, p 249/250.

arranjada. Diante disso, Agostinho não encontrando solidez no maniqueísmo irá buscar no ceticismo-acadêmico o consolo para suas decepções filosóficas.

A fase cética de Agostinho não demorou muito, o ceticismo-acadêmico logo se mostrou incompatível com aquilo que o santo bispo ansioso buscava, a verdade. Ao conhecer e observar a doutrina dos acadêmicos, Agostinho começou a tecer refutações célebres ao pensamento cético. Em sua obra “*Contra os Acadêmicos*”, Agostinho se detém de modo minucioso a refutar à doutrina cética.

No segundo capítulo, veremos como a razão é primordial neste processo de busca pela verdade e como o bispo de Hipona a eleva (a razão) a lugares de honra. A partir da máxima dos filósofos cristãos: “*crer para conhecer*”, Agostinho desenvolve o *modus operandi* da razão em todo esse processo de aquisição da verdade.

Demonstraremos como os sentidos (interior e exterior) se desdobram para auxiliar no conhecimento da verdade. A respeito do sentido exterior iremos demonstrar como os cinco sentidos, nossas percepções, irão nos ajudar na busca pela verdade e a partir desse ponto já é perceptível que o corpo tem um papel nesse movimento de buscar a verdade. Agostinho não elimina a dimensão corpórea nesse percurso de busca pela verdade, pelo contrário, é canal indispensável para que o homem conheça, veremos adiante que a ressalva agostiniana a respeito dos sentidos exteriores se refere a sua mera aparência, ou seja, eles não dão um fim, mas apenas um meio para se chegar à verdade plena. O ponto apresentado pelo santo bispo diz respeito ao bom uso dos sentidos, ou seja, na medida que usamos os sentidos de forma adequada eles nos ajudam nesse processo, mas quando usamos de forma errada eles nos afastam de Deus.

A respeito do sentido interior, Agostinho leva a compreender a importância de tal sentido para a aquisição da verdade, sempre nos alertando acerca dos possíveis erros. Para Agostinho, o homem, dotado de razão, é o único ser com capacidade de tomar consciência de si mesmo e do mundo, e por esse motivo pode, iluminado por Deus, conhecer. Assim, o sentido interior nesse processo atua apenas como juiz das sensações.

Veremos também que a filosofia de Agostinho a respeito da busca pela verdade nos apresenta uma novidade, na medida em que a verdade nos é apresentada a partir de dois planos: material e transcendental, sempre salientando que as Verdades

eternas estão acima; entretanto, não excluem a necessidade do homem em compreender também as “verdades terrenas”, no fim, os sentidos são como degraus que ajudam o homem a chegar à Verdade Última.

Ademais, veremos ainda como a Iluminação Divina, um dos temas mais conhecidos da filosofia agostiniana, é fundamental para que o homem possa conhecer. Para o santo bispo, esse processo de interferência da bondade divina no intelecto humano é o que explica como o homem conhece. Deus infunde sua Luz em nós e por meio Dele é que conhecemos. A teoria da iluminação divina revela ainda a face decaída do homem, sempre mendigo da misericórdia divina. É perceptível que, tendo o homem uma natureza caída e limitada, ele por si não conseguiria chegar a graus tão elevados de conhecimento e perfeição; por esse motivo, Deus, que é Bom e Misericordioso, por meio da sua Iluminação Divina intervém diretamente no intelecto humano para que o conhecimento humano seja possível.

No terceiro capítulo, iremos analisar qual a perspectiva do mestre de Hipona em relação à problemática da verdade. Agostinho irá nos apresentar a verdade a partir de duas perspectivas: material e divina, como já foi dito. Na perspectiva material Agostinho nos apresenta a verdade na dimensão da vida humana, ou seja, no que diz respeito às coisas do mundo, às necessidades humanas e às obviedades da criação, tudo isso é verdadeiro enquanto criação de Deus. Na perspectiva divina, Agostinho nos apresenta a verdade em seu caráter transcendente, a verdade nos é apresentada em igualdade com Deus, em outras palavras, para o bispo de Hipona Deus é a Verdade, e todas as outras partem d’Ele. Partindo de tais paradigmas podemos classificar a verdade em: Verdade Ontológica Original, Verdade por Participação e Verdade Epistemológica.

## 2. AGOSTINHO DE HIPONA E A BUSCA PELA VERDADE

Durante toda a história da filosofia muitos pensadores se debruçaram acerca de um tema bastante complexo e que ainda hoje levanta inúmeras reflexões: a verdade. Dentre os diferentes conceitos e abordagens feitas pelos pensadores ao longo dos séculos a respeito do tema em questão, destaca-se o modo como Santo Agostinho desenvolveu suas reflexões sobre o conhecimento e sobre a verdade. Agostinho sempre foi um grande estudioso, fascinado pela busca da verdade. Nas *Confissões*<sup>2</sup>, do livro I ao VI, é perceptível nos relatos do filósofo o desejo em buscar e conseqüentemente encontrar a verdade: “busca apaixonada da verdade e da sabedoria<sup>3</sup>”.

Agostinho reclama, anseia e busca à verdade. O anseio em buscar a verdade é algo que está presente no homem de modo muito singular, tal pensamento pode ser confirmado através de uma das frases mais célebre do Bispo de Hipona<sup>4</sup>: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousar em ti”<sup>5</sup>. Assim, é perceptível que a busca pela verdade dentro da perspectiva agostiniana é essencial ao homem. O homem sem a verdade é totalmente inconcebível. Agostinho atribui a verdade quase que um caráter de justificativa existencial do homem, ou seja, a existência do homem se justifica na posse na verdade.

Conforme teremos oportunidade de mostrar ao longo do nosso texto, Santo Agostinho passou por experiências filosóficas e espirituais marcantes, como o maniqueísmo e o ceticismo dos Acadêmicos, que serão superados teórica e doutrinariamente após sua conversão ao cristianismo, quando já disporá do cabedal teórico-conceitual de Platão e do Neoplatonismo de Plotino. Vemos, desde já, que a conversão ao cristianismo não foi, para Agostinho, uma simples questão de assentir à fé cristã. Ela marca também o percurso intelectual, ao mesmo tempo filosófico e teológico, do pensador de Hipona. Ele não se furtará a debater com seus

---

<sup>2</sup> Uma das, senão, a principal obra de santo Agostinho. Foi escrita entre os anos de (397-400), dez anos após sua conversão ao Cristianismo. É uma obra repleta de observações filosóficas a respeito de diversos assuntos. Tem um teor autobiográfico e ao mesmo tempo confessional, ou seja, Agostinho confessa a Deus todas as suas dúvidas, inquietações e faz uma análise de sua vida antes da conversão. Nessa obra é perceptível a imensa vontade do autor de encontrar a verdade definitiva, absoluta. Sanando todas as suas inquietações.

<sup>3</sup> *Conf. VI, 10, 17*

<sup>4</sup> Após sua conversão para o cristianismo, Agostinho foi ordenado sacerdote e posteriormente eleito Bispo de Hipona, na África.

<sup>5</sup> *Ibid., I,1,1*

contemporâneos sobre as questões mais prementes apresentadas pela filosofia clássica grega, pelo helenismo e pela tradição da filosofia cristã que se formara até ele.

É perceptível a importância desses períodos (maniqueísmo e acadêmicos-ceticismo) na vida de Agostinho como se fosse uma etapa “propedêutica” para o seu despertar que o faz mergulhar no íntimo do seu ser para buscar a verdade. O período de conversão ou pós-conversão de Agostinho está atrelado de forma muito íntima à sua própria filosofia.

Falar da filosofia agostiniana nos leva, necessariamente, a olhar para seu processo de conversão. Apesar disso, por não constituir o objeto principal de nossa pesquisa, apresentaremos agora apenas alguns traços gerais dessa conversão.

### **2.1 A fase maniqueísta de Agostinho**

Como relata em suas *Confissões*, é no maniqueísmo que primeiro Agostinho encontra respostas para suas especulações referentes à natureza do ser, à ordem do cosmo, à existência de substâncias boas e más, dentre outras.

O maniqueísmo era uma seita que pregava a existência ontológica de dois princípios eternos: o Bem e o Mal. A insatisfação de Agostinho com o maniqueísmo começa quando o filósofo não consegue conceber uma espécie de mal em um mundo criado por um Deus Bondoso. Como conciliar tal contradição? A resposta de Agostinho a essa problemática se resume em tentar isentar Deus da responsabilidade do mal. Outro ponto de descontentamento de Agostinho para com a doutrina maniqueísta é a ideia da existência de um deus corpóreo, daí a concepção materialista da seita que Agostinho irá rejeitar posteriormente.

O fato de Santo Agostinho recorrer à seita maniqueísta dá-se pelas explicações aparentemente “racionais” a respeito do mundo dada pelos maniqueus. O desconforto do Bispo de Hipona com a seita começa no seu encontro com Fausto, considerado o mais letrado dos maniqueus. Nesse encontro, Agostinho percebe a incompetência, a falta de formação e a deficiência intelectual do “grande mestre”. O próprio Agostinho afirma que tinha mais formação filosófica e científica que o tal “mestre”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> *Conf. V, 6.*

Dessa forma, por não obter na doutrina dos maniqueus as respostas para suas inquietações existenciais, Agostinho acaba abandonando tais ensinamentos por concluir serem insuficientes no seu processo de busca da verdade:

Quanto mais agudo era no meu íntimo o desejo de saber o que devia considerar como certo, tanto mais me envergonhava de me ter deixado enganar e iludir por tanto tempo com promessas de certeza e de ter proclamado como seguras tantas incertezas, pueril no meu erro e na minha paixão. Mais tarde percebi a falsidade desta doutrina. Mas o que era certo para mim é que elas eram incertas, e que eu as tinha considerado certas, quando perseguia a fé católica com minhas cegas acusações<sup>7</sup>.

Durante nove anos Agostinho bebeu da fonte de Manes<sup>8</sup>. Tomando consciência de que os ensinamentos maniqueístas estavam cheios de falhas, Agostinho chega à conclusão de que tal doutrina e seus seguidores nada sabem da verdade:

Pronunciavam continuamente tais nomes, que eram apenas sons e movimentos de lábios, mas seus corações eram vazios da verdade. Repetiam: “Verdade, verdade”! E me falavam muito dela, mas não a possuíam; pelo contrário, ensinavam falsidades, não só a teu respeito, que és realmente a verdade, mas também sobre a existência do mundo, criatura tua<sup>9</sup>.

É através de Santo Ambrósio<sup>10</sup> que Agostinho começa a ter um primeiro contato com as Escrituras Sagradas. Nesse período, Agostinho já começa a inclinar-se às realidades da fé e às realidades espirituais, ainda que de forma simplista, já começam a se manifestar em sua razão. Agostinho tinha certa dificuldade em ler o Antigo Testamento, visto que algumas passagens da Escritura parecem absurdas à sua razão.

Com Ambrósio, Agostinho aprende que nem sempre os textos da Escritura Sagrada devem ser lidos de forma literal, visto que, há diversas formas de linguagens. Partindo desse pressuposto, a leitura do Antigo Testamento e da Escritura como um todo começa a interessar Agostinho.

Removido assim o místico véu, esclareceram-se espiritualmente passagens que, tomadas ao pé da letra, pareciam ensinar o mal. Nada ele dizia que eu não pudesse aceitar, embora ainda não estivesse certo de que as palavras dele eram verdadeiras<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> *Conf. VI, 4, 5*

<sup>8</sup> Fundador da seita Maniqueísta.

<sup>9</sup> *Ibid., III, 6*

<sup>10</sup> Bispo de Milão. Foi um dos grandes responsáveis pela conversão de Agostinho.

<sup>11</sup> *Ibid., VI, 4.*

Apartado do maniqueísmo, Agostinho começa a ter um primeiro contato com os textos dos neoplatônicos. Apesar de sua grande inclinação às coisas espirituais, Agostinho ainda precisava responder a algumas questões que inquietavam sua alma. Com a leitura dos neoplatônicos, doutrina filosófica que influenciou o pensamento de Agostinho durante toda sua vida, ele começa a responder algumas objeções de sua alma:

Instigado por esses escritos a retornar a mim mesmo, entrei no íntimo do meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima da minha própria inteligência, vi uma luz imutável. (*Conf. VIII, 7*).

O encontro de Santo Agostinho com a filosofia neoplatônica foi de extrema importância, visto que Agostinho começa, desde já, a fazer aproximações da filosofia com a teologia.

Seu processo de despertar para filosofia deu-se após uma leitura de um diálogo de Cícero, atualmente perdido, o *Hortensius*. Desde esse momento, ele não deixou de ser consumido por um ardente amor pela verdade. As constantes dúvidas e incertezas de Santo Agostinho levaram-no a comungar doutrinas de seitas que não tinham respostas para suas dúvidas, levaram-no também a viver uma vida que até o momento de sua conversão não era condizente com sua busca pela verdade. O caminho percorrido por Agostinho na busca de Deus, Verdade eterna, pode ser comparada ao caminho cheio de obstáculos descrito por Platão no Mito da Caverna: depois do doloroso caminhar é possível contemplar o Bem.

Após a conversão de Agostinho à fé católica, ele começa a refletir ainda mais a respeito das coisas espirituais e materiais. Agostinho jamais desistiu de conhecer a verdade e adquirir sua compreensão. Sabia que havia algo maior do que aquilo que os sentidos meramente humanos podiam experimentar e ambicionava este algo; queria compreender as coisas espirituais, ainda que de tais coisas tivesse apenas concepções humanas:

Eu fremia de violenta indignação contra mim mesmo, por não ceder à tua vontade e à tua aliança contigo, meu Deus, pela qual todos os meus ossos<sup>12</sup> clamavam, elevando louvores aos céus. (...) Com efeito, ir ou chegar junto a ti não é senão um ato de querer ir, mas com vontade forte

---

<sup>12</sup> Cf. SL 34,10

e plena, e não titubeante e ferida, numa luta da parte que se ergue contra a parte que fraqueja<sup>13</sup>.

A conversão de Agostinho ocorre pela sua inquietude, eis a marca dos grandes pensadores da história. Esse movimento da alma inquieta fez com que Agostinho buscasse por toda vida, ainda sem saber, a verdade. No decorrer do tempo, Agostinho percebe que o caminho que o leva a Deus não era outro, senão, o de voltar-se para si mesmo.

## 2.2 A refutação de Agostinho ao Ceticismo

Após as decepções com a seita maniqueísta, o Santo Doutor volta-se para a doutrina da nova academia, o ceticismo:<sup>14</sup>

Acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram chamados de Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender de verdade. Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumente atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos.<sup>15</sup>

Os céticos defendiam que nenhum tipo de conhecimento era possível, que o homem não pode conhecer nada ao certo. O homem não pode conhecer nada então há possibilidade de assentimento da verdade, ou seja, a verdade jamais será apreendida e o conhecimento não será possível.

Contudo, posteriormente a sua conversão, o Bispo de Hipona se propõe a refutar as ideias propostas pela doutrina dos Acadêmicos, tentando mostrar que o conhecimento é possível e que a aquisição da verdade é factível.

O período de permanência de Santo Agostinho no ceticismo foi uma experiência espiritual e filosófica tão significativa que após sua saída da “comunhão” cética em quase todas as suas obras, no que diz respeito à investigação de Deus e da Verdade, o Bispo de Hipona não hesita em afirmar a existência de uma verdade certa, inabalável e possível. Ao fazer críticas e tentar refutar o ceticismo acadêmico, Santo Agostinho pretende prevenir que outros caiam no erro que ele outrora caiu.

É na obra intitulada *Contra os Acadêmicos*<sup>16</sup> que o Santo Doutor propõe refutar as ideias contidas na doutrina da Nova Academia. Na obra, o pensamento de

---

<sup>13</sup> *Conf. VIII, 8*

<sup>14</sup> Segundo Carnéades, um dos acadêmicos citado no livro contra os acadêmicos, o ceticismo poderia ser conceitualizado como: o conhecimento é sempre incerto e impreciso.

<sup>15</sup> *Ibid., V, 10*

<sup>16</sup> Primeira obra de Agostinho após sua conversão e conseqüentemente após sua saída do ceticismo.

Santo Agostinho é traduzido por meio de diálogos. Dentro dessa perspectiva a obra é escrita em um cenário de mestre e discípulos, ou seja, Agostinho se reúne com os seus para promover uma formação preliminar (nas artes liberais) e exercitar a razão, estimulando uma valorização da capacidade de pensar<sup>17</sup>. No cenário de Cassiciaco, lugar onde a obra foi escrita, Santo Agostinho não quer simplesmente que seus “discípulos” passem o dia inteiro debruçados aos livros, mas que passem algum tempo consigo mesmo.

No *Contra os Acadêmicos*, Santo Agostinho se detém a refletir os ensinamentos da Nova Academia, a saber, o ceticismo e o problema da certeza. Por ser uma obra escrita no período da pós-conversão, Santo Agostinho está convicto da existência da verdade, existência essa que ele reconheceu na Igreja e que os escritos platônicos o ajudaram a perceber<sup>18</sup>. Assim, Agostinho reúne seus esforços para refutar o ceticismo acadêmico.

A necessidade de Agostinho em refutar os céticos se dava por sua preocupação em refutar todo erro que pudesse contaminar a fé, ou seja, era preciso combater todo tipo de opinião vã e perniciosas<sup>19</sup>.

Para o Santo Bispo a natureza cética e o ceticismo seriam uma espécie de desserviço dentro da filosofia, sendo um modo de pensar que se opõe de modo enfático a todos aqueles que desejam filosofar. Como é possível buscar o conhecimento se ele é duvidoso ou é possível que nem exista? Assim, o ceticismo torna-se uma pedra de tropeço não só no que diz respeito à aquisição de um conhecimento divino, mas também de um conhecimento das coisas temporais.

A seguir, analisaremos os principais argumentos de Santo Agostinho na sua tentativa de refutar a doutrina dos acadêmicos.

O primeiro argumento que iremos demonstrar é o argumento sobre a felicidade. Tal argumento não é uma contraposição direta de Santo Agostinho ao ceticismo, mas a problemática gira em torno da possibilidade do homem de alcançar a felicidade. Apesar de ser um argumento ligado à felicidade e não diretamente à verdade, veremos que há uma relação íntima e necessária entre verdade e felicidade, sendo a posse de uma necessariamente a posse da outra.

---

<sup>17</sup> *Contra. acad. II, 7, 17.*

<sup>18</sup> *De beat. vit. I, 4.*

<sup>19</sup> *Op. cit., II, 3, 9*

Dessa forma, é preciso observar, rapidamente, a relação entre beatitude (Agostinho) e *ataraxia* (Gregos). A beatitude de Agostinho é o gozo da alma daqueles que se entregam aos “prazeres” místicos, ou à serenidade da alma. A *ataraxia* dos gregos seria a imperturbabilidade do espírito. A partir da leitura do *Hortensius* de Cícero, Agostinho afirma claramente que é comum a todos os filósofos o “ser feliz”<sup>20</sup>, ou seja, algum estado da alma seria necessário para se chegar à felicidade.

As contradições surgem a partir das possibilidades da felicidade. Para os céticos, a felicidade é alcançada pela *busca* constante da verdade. Contudo, para o Santo Bispo, a condição indispensável da beatitude é a contemplação da verdade<sup>21</sup>. E a possibilidade da felicidade parte da *posse* da verdade.

No *Contra os Acadêmicos*, Licênio, um dos que estão a refletir com Agostinho, coloca-se como defensor da doutrina da Nova Academia, afirmando que é suficiente ao homem apenas a busca da verdade para que seja feliz. Diante da proposição de Licênio, Agostinho se pergunta: se a simples busca pela verdade poderá fazer o homem feliz, sem encontrá-la?

A meu convite estávamos todos reunidos num lugar apropriado. Assim que pareceu oportuno, comecei:

- Duvidais que devemos conhecer a verdade?

- De maneira alguma, disse Trigécio.

Os outros deram sinal de que concordavam com ele.

-Mas se, continuei, mesmo sem a posse da verdade podemos ser felizes, ainda julgais necessário conhecer a verdade?

[...]

-Será mesmo? Disse eu. Julgais que podemos ser felizes mesmo sem ter encontrado a verdade?

-Sim, respondeu Licênio, desde que busquemos a verdade.

[...]

-Bem, tornei eu, voltando à nossa questão, parece-te que se pode viver feliz sem ter encontrado a verdade, mas com a condição de procurá-la?

Replicou Trigécio:

-Mantenho minha opinião: de maneira alguma.

-E vós, o que pensais? Indaguei.

Licênio:

-A mim me parece que sim, pois nossos antepassados, que a tradição apresentou como sábios e felizes, viveram bem e felizes só porque procuravam a verdade.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> *Contra. acad. I, 2,5.*

<sup>21</sup> *GILSON, 2006, p.25*

<sup>22</sup> *Op. cit., I, 2, 5, 6*

Dentro da perspectiva verdade/felicidade Santo Agostinho se opõe a visão cético-acadêmica usando os seguintes argumentos: Primeiro, o homem pode chegar à verdade. Segundo, a felicidade só é possível quando o homem chegar à verdade. Terceiro, se o sábio não pode chegar à verdade (tendo em vista que para os cétricos a verdade é inalcançável), logo, o sábio não pode ser feliz.

Para os cétricos, o sábio somente busca a verdade e essa busca o torna feliz. A busca que o sábio faz não o leva à posse da verdade. Logo, segue-se que não há consistência no aparente saber do sábio cético. Assim, para Santo Agostinho não há lógica afirmar que alguém é sábio se ele não conhece nada, a afirmação, por si, é contrária ao próprio conceito de sábio que, via de regra, é saber de algo (um sábio não pode não conhecer nada). Para o ceticismo acadêmico, a vida do sábio consiste na busca constante e não na posse da verdade. Para a Nova Academia, a verdade não pode ser conhecida com certeza e isso ocorre por diversos fatores: o erro dos sentidos, as inúmeras opiniões, os sonhos, as loucuras, os delírios e as alucinações do homem. Assim, não seria possível conhecer a verdade que não fosse maculada pelo erro.

Em contrapartida, Agostinho afirma que a verdade pode ser conhecida. Como foi visto, Licênio defende que o sábio é feliz ainda que não tenha a posse da verdade, somente pela sua busca. Contudo, para o Bispo de Hipona se o sábio não possui a verdade como ele pode ser sábio? Se não há possibilidade de conhecer a verdade com certeza, como o sábio cético é feliz? Quem possui a sabedoria possui a verdade. A posse da sabedoria<sup>23</sup> requer a posse da verdade. Se a Nova Academia nega que a verdade possa ser conhecida, eles negam a própria sabedoria e a filosofia<sup>24</sup>. Assim, para Santo Agostinho o sábio não pode ignorar a sabedoria e a posse da verdade. Negá-las seria negar a própria existência do sábio. O sábio, dessa forma, não busca constantemente algo que não possa ser alcançado. O sábio deve buscar algo que presuma a possibilidade de sua posse, ou seja, buscar sabendo que pode ser alcançado. Para o Bispo de Hipona, o sábio busca a verdade pressupondo a sua existência e conseqüentemente a sua posse. Se alguém busca a verdade sem pretensão de encontrá-la, como fazem os cétricos, cai no erro e o sábio não pode

---

<sup>23</sup> É a ciência das coisas humanas e divinas. *Cont. acad. I, 6,16*

<sup>24</sup> *Contra. acad. III, 9,10*

errar<sup>25</sup>. Logo, somente a busca não faz ninguém sábio. Ao passo que a posse da verdade, sim.

O sábio proposto pela doutrina cética, na visão agostiniana, é um ser irracional e contraditório, visto que, vive em um movimento de busca que não chega a lugar nenhum, caindo sempre no erro e nas contradições próprias daqueles que não possuem a verdade. O “sábio agostiniano”, por sua vez, não se contenta com a busca, ele busca possuir a verdade, a posse da verdade o torna sábio e feliz.

Sendo a felicidade consequência da verdade, a visão cética a respeito da felicidade é pessimista e trágica. Se o homem não pode chegar à posse da verdade e a felicidade é consequência da verdade, logo a felicidade também não é possível. O homem só pode ser feliz se estiver ancorado na verdade.

Por fim, como forma de combater o “meio caminho” dos cétricos que insistem em delegar a busca da verdade a um caráter definitivo, Santo Agostinho afirma que a busca é somente um meio que leva o homem a um fim: encontrar/possuir a verdade. Assim, a busca pela verdade deve desembocar no seu encontro, na sua posse.

O segundo argumento usado por Agostinho na tentativa de refutar as ideias cétricas diz respeito à impossibilidade do conhecimento: “Os Acadêmicos sustentam duas coisas, contra as quais decidimos lutar: nada se pode conhecer e não se deve dar assentimento a nada. Do assentimento trataremos adiante, agora, falemos um pouco mais sobre o conhecimento<sup>26</sup>.” É factível o conhecimento do verdadeiro? Para os cétricos não se pode conhecer nada<sup>27</sup>. De forma muito engenhosa e cheia de silogismos lógicos, o Bispo de Hipona tenta refutar a doutrina cética da Nova Academia a partir do seguinte problema: Para Zenão de Cítio<sup>28</sup> “só pode ser compreendida aquela representação que apareça de tal modo que o falso não possa mostrar-se.<sup>29</sup>”. Ou seja, para Zenão só se pode conhecer e compreender se a representação de algo for verdadeiramente verdadeira, sem qualquer sinal de falsidade. Para Santo Agostinho, a definição de Zenão é irrefutável<sup>30</sup>. Contudo, para

---

<sup>25</sup> *Contra. acad. I, 4, 10*

<sup>26</sup> *Ibid., III, 10, 22*

<sup>27</sup> *Ibid., III, 10, 23*

<sup>28</sup> Zenão de Cítio foi um importante filósofo da Grécia Antiga. É considerado um dos principais representantes do Estoicismo na filosofia grega antiga.

<sup>29</sup> *Ibid., III, 9, 21*

<sup>30</sup> *Ibid., III, 9, 21*

os céticos acadêmicos a definição de Zenão é inconcebível. A partir da refutação de Zenão por parte dos céticos, o Mestre de Hipona começa a refutar a impossibilidade do conhecimento, tese defendida pelos Acadêmicos. Se a definição de Zenão for verdadeira, os céticos reconhecerão sua veracidade, mas se for falsa, os céticos precisaram reconhecer sua falsidade e o ato de reconhecer já é saber algo, ou seja, se eu sei algo é porque eu possuo algo.

Assim, para o Doutor da Graça uma proposição só pode ser verdadeira ou falsa e em qualquer das hipóteses eu vou reconhecer algo. Se for verdadeira mantenho minha posição, se for falsa eu pelo menos percebo algo<sup>31</sup>. É necessário fazer uma observação, o fato de perceber o falso não o faz conhecedor do falso, mas apenas o percebe. E ao perceber que a proposição é falsa iremos nos afastar dela e buscar a verdadeira. O ato de perceber gera um afastamento (se a proposição for falsa) ou uma aproximação (se a proposição for verdadeira). Dessa forma, o Doutor da Graça pretende refutar o ceticismo valendo-se das verdades lógicas, no caso da veracidade ou falsidade e é perceptível o uso do conceito do princípio do terceiro excluído.

Como forma de fundamentar de forma mais consistente suas argumentações contra os acadêmicos, Santo Agostinho se vale também das certezas matemáticas. Por exemplo, cinco mais cinco são iguais a dez, tal sentença matemática será sempre a mesma em qualquer lugar e tempo, independentemente de qualquer circunstância<sup>32</sup>, ainda que ninguém diga que é, continuará sendo. Agostinho segue mostrando que as certezas lógico-matemáticas não dependem dos sentidos e que os céticos não podem fugir de tal realidade.

O Santo Bispo usa também as verdades subjetivas (ligadas aos sentidos) como forma de reafirmar sua tese de que o conhecimento é possível:

Resta averiguar se o que os sentidos informam é verdadeiro. Suponhamos que diga algum Epicurista:

-Não tenho do que me queixar contra os sentidos, pois é injusto exigir deles mais do que podem dar. O que os olhos podem ver, se o vêem, é verdadeiro.

-Logo é verdade o que vêem do remo imerso na água?

-Absolutamente verdadeiro, pois havendo uma nova causa<sup>33</sup> pela qual as coisas aparecem como se vê, se o remo imerso na água aparecesse reto, eu acusaria meus olhos de testemunho falso: de fato não veriam o que

---

<sup>31</sup> *Contra. acad. III, 9, 21*

<sup>32</sup> *Ibid., III, 11, 25*

<sup>33</sup> A presença do ar e não da água.

deveriam ver, havendo tais causas, para que multiplicar os exemplos? A mesma coisa se pode dizer do movimento das torres, das asas das aves, de inúmeros outros casos,

-Todavia, engano-me se der meu assentimento, dirá alguém.

-Não dê um assentimento que vá além do que dita a tua persuasão de quem assim parece, e não haverá engano. Pois não vejo como o Acadêmico possa refutar alguém que diz: sei que isso me parece branco, sei que isso deleita meus ouvidos, sei que este odor me agrada, sei que aquilo tem gosto doce, sei que aquilo é frio para mim.<sup>34</sup>

Apesar dos cétricos pregarem a tese da falibilidade dos sentidos, Santo Agostinho não consegue compreender como alguém possa duvidar de suas próprias percepções, do testemunho dado pelos sentidos<sup>35</sup>. Para Santo Agostinho, os sentidos, de certa maneira, podem nos apresentar o verdadeiro. Desta forma, como vimos anteriormente, só a possibilidade dos sentidos nos levarem ao falso não nega o fato de que percebemos algo: “Dizes, efetivamente, que o falso pode parecer aos sentidos como verdadeiro, mas não negais o fato de parecer.”<sup>36</sup>

Assim, para Santo Agostinho há verdades que são inteligíveis, ou seja, não podem ser arranhadas pelo erro, como querem os cétricos, e por isso podem ser conhecidas. Desta forma, a certeza de tais verdades dar-se-á pelo pensamento, na interiorização, mais uma vez a interiorização agostiniana no que diz respeito ao conhecimento da verdade é evidenciada.

Por sua vez, o embate entre Agostinho e os acadêmicos nos levam a pensar na existência de um mundo inteligível<sup>37</sup>, que não pode ser confundido com o mundo sensível. Se existe um mundo inteligível existe Aquele que tudo sustenta, Deus, Verdade Eterna, Verdade Imutável e Verdade Absoluta.

Contudo, mesmo com a existência de um mundo inteligível, Santo Agostinho não descarta o mundo sensível e em seu processo de refutação afirma que existem certezas físicas sobre o mundo que nos rodeia. Ademais, os sentidos são apenas um meio que, quando utilizado da maneira correta, nos conduz à verdade.

---

<sup>34</sup> *Contra. acad. III, 11, 26. Grifo nosso*

<sup>35</sup> É importante salientar que, para Agostinho, a verdade não se encerra nos sentidos. Os sentidos são meios de se alcançar a verdade. Para o Santo Bispo quando os sentidos são usados de forma errônea conduz o homem ao erro. É preciso que o homem se volte para o íntimo de si e passe por um processo de purificação. Assim, os sentidos guiados pela razão e conseqüentemente pelas verdades da fé levará o homem ao conhecimento da verdade. Apesar de Agostinho usar o conhecimento sensível como forma de refutar a tese do ceticismo de que o conhecimento é impossível, Santo Agostinho sabe que o conhecimento sensível é inferior, e que a Verdade Eterna só pode ser encontrada em Deus, Verdade Ontológica.

<sup>36</sup> *Ibid., III, 11, 24*

<sup>37</sup> A essas alturas Agostinho já aderiu ao neo(platonismo).

Por fim, o Santo Bispo pretende refutar a tese dos Acadêmicos no que diz respeito à suspensão do juízo ou *epoché*. A partir do que foi visto até aqui, é perceptível que a suspensão do juízo decorre da impossibilidade do conhecimento, proposta pelos céticos:

Os Acadêmicos afirmavam que o homem não pode alcançar a ciência das coisas referentes à filosofia, Carnéades recusava ocupar-se de qualquer outra coisa, mas que pode ser sábio e que todo o dever do sábio, como tu mesmo, Licênio, o expuseste naquela discussão, consiste na busca da verdade. Daqui resulta que o sábio não deve dar assentimento a nada, pois necessariamente erraria, o que para o sábio é um crime, se desse seu assentimento a coisas incertas.<sup>38</sup>

Assim, segundo Pereira Junior<sup>39</sup> (2012, p. 88) a tese a respeito da suspensão do juízo para os Acadêmicos está fundamentada em dois pontos: o homem não pode conhecer nada e quem nada conhece nada aprova, logo, se deve suspender o juízo. A questão da suspensão do juízo para os céticos está muito ligada ao problema da opinião (*doxa*). Sendo as opiniões algo desprezível para os Acadêmicos é preciso evitá-la e o meio mais adequado para tal seria suspender o juízo. Santo Agostinho pretende refutar a tese da “não *doxa* cética” a partir do seu argumento a respeito do que o sábio conhece. Ou seja, se o sábio conhece, ele não pode conhecer o falso, logo, todas as “aparentes opiniões”, ou melhor, todas as certezas do sábio serão verdadeiras e dignas de crédito:

Pois a única diferença que me parece existir é que um conhece a sabedoria (*scit sapientiam*), enquanto o outro deseja conhecê-la (*scire desiderat*) [...] Pois, se não me engano, já chegamos ao termo que estou perseguindo. Pois, se a única diferença entre o aspirante à sabedoria e o sábio, como disseste com sutileza e verdade, é que o primeiro ama, enquanto o último possui a disciplina da sabedoria, razão pela qual não hesitaste em dar-lhe o nome que lhe convém, isto é, certo habito e, por outro lado, ninguém pode possuir em seu ânimo uma disciplina (*disciplinam*) sem nada ter aprendido (*didicit*) e nada aprender quem nada sabe e, além disso, ninguém pode conhecer o falso, segue-se que o sábio, o qual admitiste ter disciplina da sabedoria, isto é, o habito da sabedoria, conhece a verdade.<sup>40</sup>

Assim, os Acadêmicos não podem sustentar a ideia de que o sábio nada sabe e se não sabe precisa suspender o juízo. O sábio sabe por excelência. A partir das teses dos acadêmicos a respeito da suspensão do juízo a contra argumentação de

---

<sup>38</sup> *Contra. acad. II, 5, 11.*

<sup>39</sup> PEREIRA JÚNIOR, Antonio. **Agostinho e o ceticismo: um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em Contra Acadêmicos**. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Natal, 2012.

<sup>40</sup> *Op. cit., III, 3, 5*

Santo Agostinho pode ser analisada, segundo Pereira Junior<sup>41</sup> nos seguintes termos: o homem sábio conhece a verdade e, quem conhece a verdade não dá opiniões, mas diz com certeza aquilo que sabe. Por conseguinte, o homem sábio não erra, porém diz a verdade.

É notório que, nesse momento há um embate entre o assentimento, à verdade e a suspensão do juízo. Assim, segundo o Mestre de Hipona, o sábio não opina, mas expõe o que sabe. E se o sábio sabe não há necessidade para suspender seu juízo, visto que, o assentimento do sábio não está no campo da mera opinião, mas da certeza. Logo, não há erro.

O argumento do Bispo de Hipona ganha forma na medida em que percebe que a suspensão do juízo proposta pelos Acadêmicos é mera conveniência. Ou seja, em algumas matérias os Acadêmicos suspendem o juízo, mas, em outras, como por exemplo, aos acontecimentos do cotidiano, eles dão assentimento. Para o cético, o sábio dá assentimento somente às coisas perceptíveis, enquanto devem suspender o juízo para coisas falsas e duvidosas:

Julgo, portanto, que o sábio tem certeza da sabedoria, isto é, que o sábio conhece a sabedoria e que por isso ele não opina quando dá seu assentimento à sabedoria. Pois ele dá seu assentimento a uma coisa tal que se não a conhecesse com certeza, não seria sábio. Os próprios Acadêmicos negam que se deva recusar o assentimento senão a coisas que não se podem perceber. Ora a sabedoria não é algo que não é nada. Portanto, ao conhecer a sabedoria e dar-lhe seu assentimento, não se pode dizer que ele não conhece nada nem que ele dá seu assentimento a nada. O que mais quereis? Ou falaremos daquele erro que, segundo eles, se evita completamente quando o assentimento não faz pender o espírito para nenhum lado. Erra, com efeito, dizem eles, quem aprova não só uma coisa falsa, mas também uma coisa dúbica, ainda que esta seja verdadeira. Ora não há nada que não seja duvido.<sup>42</sup>

Se o cético assente a alguma coisa, como aos fatos cotidianos, eles assentem ao duvidoso, visto que tudo é duvidoso. E se tudo é duvidoso, o cético erra em assentir à dúvida (no caso dos fatos e acontecimentos do cotidiano). Para o Santo Bispo, essa tese não tem lógica na medida em que o sábio ao dar assentimento o fará sabendo, logo, não há necessidade de ora dar assentimento e ora suspender o juízo. O sábio só dará assentimento a respeito de algo na medida em que ele sabe com certeza.

---

<sup>41</sup> PEREIRA JÚNIOR, Antonio. **Agostinho e o ceticismo: um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em Contra Acadêmicos**. 2012: p. 88.

<sup>42</sup> *Contra. acad. III, 14, 32*

Vejamos um exemplo descrito na obra *Contra os Acadêmicos* para melhor entendermos as refutações de Santo Agostinho:

Suponhamos dois viajantes que se dirigem a um mesmo lugar. Um deles decidiu não acreditar em ninguém e o outro é excessivamente crédulo. Chegam a uma bifurcação. O crédulo pergunta a um pastor que ali se encontra ou a um camponês qualquer:

- Bom dia, meu caro senhor, qual é o caminho que leva a tal lugar?

Ele responde:

- Vá por este caminho que não errará.

O primeiro diz então ao companheiro:

- Ele diz a verdade, vamos por aqui.

O viajante, desconfiado, põe-se a rir, zomba desse assentimento tão apressado e, enquanto o outro parte, permanece plantado na bifurcação. Depois de algum tempo lhe pareceu absurdo ficar parado, quando de repente pelo outro caminho surge um homem garbosamente montado em seu cavalo, vindo em sua direção. Feliz, saúda o cavaleiro, fala-lhe do seu destino e pergunta-lhe sobre o caminho. Explica-lhe também por que está ali parado a fim de torná-lo mais benevolente por ser preferido ao pastor. Por acaso o cavaleiro era um daqueles vagabundos que vulgarmente se chamam “samardacos”. Sendo homem mau, o cavaleiro agiu segundo seu costume, mesmo sem ter nenhum interesse na questão e disse-lhe:

- Segue por ali, é dali que eu venho.

Com estas palavras enganou-o e foi embora. Mas quando teria sido ele enganado? Falando consigo mesmo, diz: “Não aprovo esta informação como verdadeira, mas como verossímil e não é honesto nem útil ficar ócios, tomarei o caminho”.

Entrementes, aquele que errou por ter dado tão prontamente o seu assentimento às palavras do pastor, já estava descasando no lugar de seu destino. O outro que não erra, pois que segue o provável, anda vagando pelas florestas e não encontra sequer uma pessoa que conheça o lugar ao qual se dirige. Confesso-vos que não pude conter o riso ao refletir que, não sei como, segundo as palavras dos Acadêmicos, acontece que aquele que segue o caminho verdadeiro, ainda que por acaso, erra, enquanto não parece errar o que seguindo a probabilidade vagueia por montanhas intransitáveis, sem encontrar a região procurada. Se for preciso condenar o assentimento temerário, direi que mais facilmente erram ambos, que dizer que não erra o último. A partir daí comecei a ser mais cauteloso com essas afirmações dos Acadêmicos e considerar mais atentamente os fatos e costumes dos homens. Então me ocorreram tantos e tão graves argumentos contra os Acadêmicos que já não tinha vontade de rir, mas ora me indignava, ora me afligia que homens tão doutos e sutis fossem levados a opiniões tão criminosas e depravadas.<sup>43</sup>

A partir do exemplo fica claro que a probabilidade apregoada pelos cétricos gera uma imobilidade, ou seja, o indivíduo não sai do lugar porque não sabe aonde vai. Apesar de ser aparentemente óbvio, a probabilidade levará o indivíduo com mais facilidade ao erro, enquanto a verdade proporcionará o descanso. Assim, para Agostinho o cétrico assente a tudo ou não assente a nada, não se pode ficar em cima do muro. No exemplo supracitado, a suspensão do juízo do segundo

---

<sup>43</sup> *Contra. acad. III, 15, 34*

personagem o levou a algum lugar? Em contrapartida, o assentimento do primeiro o fez gozar do descanso almejado.

Agostinho utiliza uma afirmação de um cético para refutar a doutrina cética:

Não tenho absolutamente a pretensão de comparar-me a Marco Túlio em habilidade, prudência, talento e doutrina. Todavia, quando ele afirma que o homem não pode saber nada, se lhe fosse replicado apenas isso: “Sei que isso me parece assim”, ele não teria o que responder.<sup>44</sup>

Assim, se ele sabe que o homem não pode saber nada é porque sabe de algo. Os argumentos de Agostinho como forma de combater a doutrina cética dos Acadêmicos ajuda a reafirmar o processo filosófico como contribuidor nessa empreitada para se chegar ao conhecimento da verdade. A curta passagem de Agostinho pelo ceticismo foi uma forma de se purificar totalmente da doutrina maniqueísta. Contudo, apesar do Santo Doutor aderir à doutrina da Nova Academia, abrindo mão da doutrina maniqueísta, é importante ressaltar que, mesmo frequentando os ensinamentos dos Acadêmicos, Santo Agostinho já começa a inclinar-se para a fé cristã ao ponto de começar a ouvir os sermões de Santo Ambrósio. A partir desse contato com Ambrósio o Bispo de Hipona se inclina de forma mais acentuada à fé católica e posteriormente se torna um catecúmeno.

Assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos, como se imagina comumente os maniqueus. Parecia-me, nesse momento de dúvida, que não devia permanecer nessa seita, que eu colocava em plano inferior a alguns filósofos, se bem que recusasse terminantemente confiar a seus cuidados a fraqueza de minha alma, por ignorarem eles o nome de Cristo. Resolvi então permanecer como catecúmeno na Igreja Católica, conforme desejo de meus pais, até que alguma certeza viesse apontar-me caminho a seguir.<sup>45</sup>

Analisando todo percurso que o Bispo de Hipona percorreu até sua conversão, sua pretensão foi de ser identificado com Cristo. Deixou de lado todas as concepções do passado: maniqueísmo e ceticismo. E superou até mesmo aquela que, com suas falhas, conseguiu responder a alguns de seus questionamentos, a saber, o platonismo. Agostinho quer, em Cristo, sabedoria eterna desenvolver um sistema de pensamento que irá sustentar sua filosofia e posteriormente sua teologia. Desta forma, na sabedoria de Deus, Jesus Cristo, Agostinho aponta tal caminho como sendo a Verdade.

---

<sup>44</sup> *Contra. acad. III, 16, 36*

<sup>45</sup> *Conf. V, 14*

### 3. A “TEORIA DO CONHECIMENTO” DE AGOSTINHO

#### 3.1 A relação entre fé e razão

Tendo em vista a ambientação histórica, política, cultural e filosófica em que viveu Agostinho, umas das questões importantes que ele enfrentou diz respeito à possibilidade ou não da conciliação entre os discursos da fé, baseados nas revelações e testemunhos das Sagradas Escrituras, cujo ápice é a encarnação e ressurreição de Jesus Cristo, e os da razão, baseados em princípios lógicos-formais, ontológicos e metafísicos. É necessário que apresentemos, ainda que sucintamente, a resposta de Agostinho sobre a referida relação pois, como veremos a seguir, sua teoria do conhecimento pressupõe a colaboração mútua desses dois campos do conhecimento.

Para entender a relação entre fé e razão na filosofia agostiniana é preciso ter como ponto de partida a seguinte máxima: *“Nisi crideritis, non intelligentis<sup>46</sup>”*. O Bispo de Hipona defende que a fé necessariamente antecede a razão no processo de busca pela verdade. É necessário entender que na filosofia de Agostinho fé e razão não são elementos contraditórios, mas elementos que se interconectam. O homem depende de ambos para chegar ao conhecimento da verdade. À vista disso, percebe-se que a solução agostiniana no que concerne à relação entre fé e razão se desdobra da seguinte forma: uma razão que se dobra à autoridade e uma fé que ilumina a razão.

De que forma o caráter da fé e da razão são necessárias para que o homem chegue ao conhecimento da verdade? É a partir da fé que se inicia o processo de conhecimento, ou seja, é preciso crer para depois conhecer, como já fora dito anteriormente. De alguma forma, a fé é o caminho para a razão. Adiante, quando falarmos sobre a Teoria da Iluminação Divina, analisaremos de forma mais precisa a relação entre fé e razão, mostrando como a iluminação divina age na razão do homem, fundamento necessário para se chegar à verdade. Poderíamos afirmar que a fé é penhor da razão, ou seja, a fé busca, mas é a razão que encontra. Por esse motivo a fé necessariamente tem que anteceder a razão.

---

<sup>46</sup> É preciso crer para compreender.

Em vista disso, a busca pela verdade só pode ser legítima quando a fé é “instrumento” de busca e a razão “instrumento” de encontro. Dessa forma, a razão é posterior à fé por que o homem precisa “dar fé” de algo, com outras palavras, é preciso crer que algo existe para depois tentar conhecer/entender sua existência. Ou seja, é preciso partir do pressuposto de que uma coisa existe, para que se possa conhecê-la. Como conhecer aquilo que não existe? Por esse motivo, a fé deve anteceder a razão:

Com efeito, se crer não fosse uma coisa e compreender outra, e se não devêssemos, primeiramente, crer nas sublimes e divinas verdades que desejamos compreender, seria em vão que o profeta teria dito: “Se não o crerdes não entenderéis” (Is 7,9, na LXX)<sup>47</sup>.

Segundo se vê, a crença não é cega e sem motivos fundados. A crença é algo necessariamente racional, visto que somente o ser humano é dotado de razão e conseqüentemente pode crer em algo.

Desta forma, a fé não se apresenta como entendimento, ela só mostra o caminho e prepara a inteligência/razão para que seja possível entender. Nesse caminho pela busca da verdade, a fé se apresenta como uma etapa propedêutica que nos levará ao conhecimento de Deus pela razão. Para exemplificar tal afirmação, usaremos a formulação da Visão Beatífica, ou seja, o ato de contemplar a Deus face a face. Aqueles que já contemplam Deus face a face não precisam de fé, ou seja, a plenitude do homem dar-se-á no conhecimento de Deus. O entendimento e o conhecer a Deus dar-se-á pela razão, contudo, antecedido pela fé:

O próprio Senhor, tanto por suas palavras quanto por seus atos, primeiramente exortou a crer àqueles a quem chamou à salvação. Mas em seguida, no momento de falar sobre esse dom precioso que haveria de oferecer aos fiéis, ele não disse: “A vida eterna consiste em crer,” mas sim: “A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, único Deus verdadeiro e aquele que tu enviastes, Jesus Cristo” (Jo 17,3). Depois disse àqueles que já eram crentes: “Procurai e encontrareis” (Mt 7,7). Pois não se pode considerar como encontrado aquilo em que se acredita sem entender. E ninguém se torna capaz de encontrar a Deus se antes não crer no que há de compreender<sup>48</sup>.

Grande parte da filosofia agostiniana é resultado de sua busca por uma base racional para a fé cristã. Para entender a epistemologia de Santo Agostinho é necessário entender a epistemologia platônica. Agostinho, na formulação de sua

---

<sup>47</sup> *De lib. arb. II, 2,6*

<sup>48</sup> *Ibid., II, 2,6*

teoria do conhecimento, tenta pensar seu edifício filosófico a partir das contribuições platônicas. Nosso filósofo se vale dos conceitos de realidade (mundo sensível e mundo inteligível) e dos estados da alma (opiniões e conhecimento) de Platão para fundamentar sua teoria. O que o Bispo de Hipona, com maestria, propõe é a conciliação do pensamento/esquema platônico tendo por base as realidades da Escritura Sagrada, formulando sua epistemologia. Pensar o mundo a partir do esquema de Platão baseado na Escritura Sagrada. Tal contribuição do platonismo na filosofia de Agostinho ficará mais evidente quando, mais adiante, falarmos sobre a Teoria da Iluminação Divina.

### **3.2 A importância do sentido exterior**

Podemos resumir o cerne da gnosiologia agostiniana como um processo que partindo do conhecimento de si mesmo procura alcançar o conhecimento de Deus, Verdade última. Em outras palavras, neste processo, o conhecimento de nós mesmos apoia-se num pressuposto para o conhecimento de Deus, realçando que os sentidos constituem a base desse processo, enquanto percepção primeira.

Na filosofia de Agostinho, o conhecimento é um processo delicado e rigoroso, por essa razão, antes de alcançarmos aquela Verdade, da qual ele fala, faz-se fundamental conhecermos a nós mesmos. Em outros termos, precisamos compreender a nossa própria existência, assim como a existência das realidades que estão mais próximas de nós, ou seja, nosso próprio corpo e os demais objetos.

É preciso salientar que há uma espécie de “introspecção”, em outras palavras, na filosofia agostiniana a aquisição do conhecimento, a busca pela verdade, está ligada ao movimento do homem de “entrar em si mesmo”. O homem necessita se conhecer, compreender-se para depois compreender o mundo com a ajuda da iluminação divina. E é em sua teoria do conhecimento que Santo Agostinho mostra que o homem no processo de conhecer a si mesmo e utilizando desse conhecimento, por meio da fé e razão, pode alcançar a verdade plena.

Podemos analisar que o conhecimento na filosofia agostiniana oscila entre aquilo que é meramente corpóreo e aquilo que é transcendental. A notoriedade do conhecimento para a aquisição da verdade está ligada à tomada de consciência do homem perante si mesmo e do mundo. Uma coisa é viver, outra coisa é saber que se vive. Há alguma diferença entre viver e saber que se vive? De certo que sim, os

animais simplesmente vivem, não fazem uso da razão, até porque não a possuem para tomar consciência de si mesmo. O homem, por sua vez, vive e sabe que vive. Com o uso da razão, toma consciência de sua existência e da existência de outras coisas. Fica claro o quão importante é o conhecimento dentro da filosofia de Agostinho, o conhecimento ocupa um lugar de destaque, visto que, o homem, dotado de razão e iluminado por Deus consegue tomar consciência de tudo:

Talvez queiras dizer que o conhecimento é uma vida mais alta e mais pura, a qual ninguém pode alcançar a não ser que seja dotado de inteligência? Ora, o que é ter inteligência a não ser viver com mais perfeição e esplendor, graças à luz mesma da mente?<sup>49</sup>

Agostinho ergue uma teoria do conhecimento apresentando três níveis ordenados hierarquicamente, correspondentes às três verdades primárias: existir, viver e entender/razão, conforme destaca em seu diálogo com Evódio em *O livre-arbítrio*:

Ag. Qual dessas três realidades (existir, viver e entender) parece ser a ti mais excelente?

Ev. O entender.

Ag. Por que te parece assim?

Ev. Por serem três realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas. Porque, com efeito, o ser vivo por certo também existe, mas não se segue daí que entenda. Tal é, como penso, a vida dos animais. Por outro lado, o que existe não possui necessariamente a vida e a inteligência. Posso afirmar, por exemplo, que um cadáver existe. Ninguém, porém, dirá que vive. Ora, o que não vive, muito menos entende.

Ag. Então, admitimos que dessas três perfeições faltam duas ao cadáver, uma ao animal e nenhuma ao homem.

Ev. É verdade.

Ag. E admitimos, igualmente, que a melhor das três é aquela a que só o homem possui juntamente com as duas outras, isto é, a inteligência, que supõe nele o existir e o viver<sup>50</sup>.

Sendo o homem o único ser que possui tais prerrogativas ao mesmo tempo, é o único capaz de conhecer a verdade eterna, Deus. Santo Agostinho denota ao homem a possibilidade de conhecer mais sobre si mesmo e sobre as coisas que nos cercam, dando início a uma ascensão consciente em direção a Deus. O existir é o de pertencer à realidade, o viver está ligado de certa forma, às sensações. No campo

<sup>49</sup> *De lib. arb. I, 7,17*

<sup>50</sup> *Ibid., II, 3,7*

do conhecimento, a razão é a capacidade do homem conhecer os raciocínios lógicos, matemáticos e as leis naturais.

O sentido exterior é elemento importante e fundamental para se alcançar a verdade. Desse modo, nosso filósofo pretende mostrar a importância dos sentidos corporais nesse processo de busca pelo conhecimento da verdade. Apesar da importância de tais sentidos, é preciso deixar claro que os sentidos corporais são meios necessários para a aquisição da verdade, contudo, não podem nos fornecer a verdade derradeira, por informarem apenas a aparência das coisas:

Certamente “são insensatos aqueles em quem não habita o conhecimento de Deus, e que através dos bens visíveis não souberam conhecer aquele que é”. Mas eu já não tinha esse gênero de vaidade; já havia superado tal estágio e, guiado por ti, nosso Criador, e teu Verbo junto a ti e único Deus contigo: por meio dele criaste todas as coisas<sup>51</sup>.

Na hierarquia comum de Agostinho, o sentido exterior ou corpóreo não está colocado no topo do processo de conhecimento, porém, o Bispo de Hipona deixa claro que tais sentidos não podem ser excluídos desse processo de busca ou aquisição da verdade. Assim, apesar do conhecimento da verdade está fundado na ação de Deus em nosso intelecto, através de sua iluminação, faz-se necessária a percepção dos sentidos exteriores, como meio para se chegar ao conhecimento. O sentido exterior é de fundamental importância no processo de obtenção da verdade, pois, o mesmo possui uma fonte de verdade, embora uma fonte de verdade inferior:

Ag. Dize-me, agora, se sabes com certeza que possuis os tão bem conhecidos sentidos corporais: a vista, o ouvido, o olfato, o gosto e o tato?  
 Ev. Sim, eu os conheço, com certeza.  
 Ag. Conforme o teu parecer, o que pertence ao sentido da vista? Em outros termos, temos a sensação de quê, ao enxergar?  
 Ev. De todos os objetos corporais.  
 Ag. Temos também, pela vista, a sensação de dureza e de moleza dos corpos?  
 Ev. Não.  
 Ag. Qual é, pois, o objeto próprio da vista pela sensação de enxergar?  
 Ev. A cor  
 Ag. E o que pertence aos ouvidos?  
 Ev. O som  
 Ag. E ao olfato?  
 Ev. Os odores  
 Ag. E ao paladar?  
 Ev. E ao tato?  
 Ev. A moleza e a dureza, o liso e o áspero, e muitas outras qualidades similares.

---

<sup>51</sup> *Conf. VIII, 1*

Ag. Pois bem! E a respeito das formas corporais, enquanto grandes ou pequenas, quadradas ou redondas, e de outras propriedades semelhantes, não temos também a sensação delas pelo tato, como pela vista, de modo a não podermos atribuir como próprio a um único desses sentidos, mas a ambos?

Ev. Entendo que seja assim.

Ag. Compreendes pois, igualmente, que cada sentido tem certos objetos próprios sobre os quais nos informam, e que alguns dentre eles percebem objetos de modo comum?

Ev. Compreendo também isso<sup>52</sup>.

Os sentidos exteriores, tais como: visão, audição, tato, olfato e paladar, por si mesmos não nos conduzem ao erro, visto que não podemos nos equivocar quanto ao ato da percepção. O que nos expõe ao erro são os juízos que realizamos sobre essas percepções. Agostinho expressará que não devemos procurar a verdade nos sentidos, pois eles só nos dizem como as coisas nos aparecem e não o que são.

Nesse sentido, é interessante observar a herança platônica no pensamento de Agostinho. De certo modo, o sentido exterior apresenta somente a aparência das coisas, porém, a aparência das coisas é um bem inferior. No entanto, saber o que algo é, é um bem superior, assim, deve ser desejado em detrimento daquele que é inferior.

Dessa forma, o processo de conhecimento através do sentido exterior está intimamente ligado às sensações, aos objetos que serão alvo do conhecimento, bem como a relação entre alma e corpo. Para Agostinho, o sentido exterior é meramente corpóreo, contudo, a sensação que o sentido exterior provoca em nós é própria da alma. Partindo do pressuposto que o conhecimento humano parte do interior para o exterior, o corpo é um componente passivo, apenas um meio pela qual a alma realiza a sensação. A alma, ao contrário, é um componente ativo, na busca pelo conhecimento da verdade, visto que, ela se utiliza do corpo para que a sensação seja produzida.

Faz-se necessário salientar que o sentido exterior funciona, no processo de aquisição do conhecimento como algo que capta as sensações do mundo exterior, como já o vimos. O sentido interior, veremos mais adiante, é o responsável por averiguar as informações captadas pelo sentido exterior, auxiliando o homem na busca pelo conhecimento. Fica claro, portanto, que no processo do conhecimento existem três realidades: o objeto, os sentidos (meio) e a sensação. Logo, para Agostinho, o que na filosofia moderna (no empirismo) chamamos de conhecimento

---

<sup>52</sup> *De lib. arb. II, 3, 8*

sensível, produzido pelos sentidos corpóreos, a rigor, não é conhecimento. O primeiro nível do conhecimento propriamente dito é a sensação, produzida pelo sentido interior. O corpo, apesar de necessário, é apenas um instrumento.

Por isso, enquanto a alma se deixar levar pelos sentidos externos não atingirá o nível da razão; é preciso transcender os sentidos corpóreos e atingir o mundo da ciência, ou das verdades universais.

### **3.3 A atuação do sentido interior como juiz das sensações**

O sentido interior não deve ser confundido com a razão por ser comum a todos os seres vivos, enquanto a razão é prerrogativa tão somente dos seres humanos. Assim como o sentido exterior encontra-se no nível do existir, o sentido interior encontra-se no nível do viver e ambos não têm consciência cognoscente. O sentido interior é também acessível ao gênero de seres que vivem (mas não entendem), quais sejam os animais:

Posto que não poderás pretender classificar esse sentido interior no gênero dos que possuem a inteligência, mas unicamente classificá-los entre as coisas que existem e vivem, embora privadas de inteligência. Isso porque ele também encontra-se entre os animais que são carentes de inteligência<sup>53</sup>.

Da mesma forma que ocorre no homem, o sentido interior também julga e guia as ações dos animais. Pois, por um sentido é que o animal ouve e por outro, que ele evita ou busca aquilo que ouviu. O sentido interior é o responsável por fazer esse “discernimento” a partir do sentido exterior se algo é ou não bom, se algo é ou não suficiente. É através do sentido exterior que os animais podem sentir as percepções do mundo. Porém, é o sentido interior que irá julgar essas percepções, rejeitando-as ou não.

Desse modo, se há alguma diferença entre o sentido interior presente no homem que possui inteligência e do sentido interior presente nos animais que não possuem inteligência, é justamente a questão do reconhecimento, ou seja, o homem, por meio da razão, reconhece e compreende a existência do sentido interior. Os animais, por sua vez, não reconhecem esse sentido, pelo fato de não possuírem a razão.

---

<sup>53</sup> *De lib. arb. II, 5, 12*

Assim, é perceptível que o sentido interior funcione como um guia para o sentido exterior. A respeito do sentido interior, Santo Agostinho o categoriza como aquele pelo qual se pode distinguir o que cada um dos cinco sentidos exteriores capta. Diante da impossibilidade de estes perceberem a si mesmos, faz-se necessária a intervenção do sentido interior no processo de conhecimento. Nos animais carentes de inteligência o sentido interior irá auxiliar somente no que diz respeito à sobrevivência. No homem, o sentido interior está ligado ao processo de aquisição da verdade:

Pois por um sentido é que o animal vê e por outro, que ele evita ou busca aquilo que viu. Com efeito, o primeiro sentido tem sua sede nos olhos. Ao contrário, o segundo, no íntimo da alma. Graças a esse sentido interior, todos os objetos, não somente os apreendidos pela vista, mas também pelo ouvido e pelos outros sentidos corporais, são procurados ou evitados pelos animais, no caso de isso lhe causar agrado; ou bem, evitados e rejeitados, no caso de serem nocivos. Mas esse sentido interior não se pode dizer que seja, nem o ouvido, nem a vista, nem o olfato, nem o gosto, nem o tato. Ele é, não sei que outra faculdade diferente, que governa universalmente a todos os sentidos exteriores, por igual<sup>54</sup>.

Este sentido interior seria outra faculdade diferente, não fazendo parte nem dos sentidos corporais, nem da razão. Ele retém a função de governar de maneira universal todos os sentidos exteriores, estando em um nível superior a estes. Para melhor compreender o que seria esse sentido interior, tomemos como exemplo quando observamos determinado objeto. O que faz com que vejamos é o sentido exterior, a visão. No entanto, o que faz com que busquemos ou evitemos aquilo que foi visto seria justamente esse sentido interior. Em outras palavras, em Agostinho uma coisa é a minha percepção, por meio de algum sentido exterior, outra é a atitude ou posicionamento que tomamos diante dele. Assim como num animal, é o sentido interior que nos impulsiona, gerando nossa aproximação ou nosso afastamento, seja por curiosidade, prazer, necessidade ou até mesmo por desprezo do objeto.

O sentido interior vai além dos cinco sentidos exteriores. Segundo Agostinho, esse sentido não somente capta as impressões recebidas através dos sentidos corpóreos, como também é capaz de perceber os próprios sentidos com os quais apreende os objetos. Diante disso, fica evidente a superioridade do sentido interior diante do sentido exterior, pois estes não são capazes de perceber a si mesmos:

---

<sup>54</sup> *De lib. arb. II, 3, 8, grifo nosso*

Creio ser também evidente que esse sentido interior não somente sente as impressões que recebe dos cinco sentidos externos, mas percebe igualmente os mesmos sentidos. Se assim não fosse, o animal não se moveria de seu lugar para apoderar-se de algo ou para fugir de alguma coisa. Mas não o sente, de modo a ter conhecimento ordenado à ciência, porque isso é próprio da razão. Contudo, percebe-o suficientemente para se mover. Ora, até isso ultrapassa a simples percepção dos cinco sentidos externos<sup>55</sup>.

O sentido interior opera na percepção de determinado sentido externo, observando justamente a presença ou ausência de algum órgão sensorial; por exemplo, quando sabemos que sentimos o cheiro de determinado objeto pelo sentido do olfato e não pela audição. O sentido interior julga o sentido exterior:

É porque eu reconheço no sentido interior um guia e um juiz do sentido exterior. De fato, quando estes faltam em algo de suas funções, o sentido interior reclama os seus serviços, como junto a um servidor, conforme dissemos em nossa conversa anterior. Na verdade, o sentido da vista, por exemplo, não vê a presença ou a ausência de sua visão. E porque não vê, não pode julgar sobre o que lhe falta ou lhe basta. Esse é o papel do sentido interior. É esse que no próprio animal adverte-o a abrir o olho fechado, e a suprir a falta que percebe haver. [...] O sentido interior julga os sentidos corporais, aprovando um bom funcionamento ou exigindo um mau serviço<sup>56</sup>.

Por consequência, o sentido interior é responsável por perceber as próprias sensações, apreendidas por meio dos sentidos exteriores. Entretanto, vale salientar que, esse mesmo sentido, não é capaz de perceber ou julgar a si mesmo. De acordo com Agostinho, é necessário que o homem transcenda tanto os sentidos corpóreos quanto o próprio sentido interior para que, por meio da razão, possa granjear o mundo das ciências ou das verdades universais.

Dessa forma, pode-se afirmar que é por meio do sentido interior que o homem e os animais podem captar a ação dos sentidos externos, ou seja, as sensações. O sentido interior não tem “consciência” de si mesmo. Somente o homem, por meio da razão consegue tomar consciência tanto dos sentidos exteriores, quanto do sentido interior. E aí entra a razão: ela é quem julga o que é bom ou o que é excessivo segundo a utilização que o sentido interior faz dos sentidos externos.

---

<sup>55</sup> *De lib. arb. II, 4, 10*

<sup>56</sup> *Ibid., II, 5, 12*

### 3.4 A importância da razão para a aquisição do conhecimento da verdade.

Diante da incapacidade do sentido interior de perceber a si mesmo, Agostinho então passa a buscar por uma potência mais elevada no homem, que tenha uma maior abrangência cognitiva. Para Agostinho, a razão é o que há de mais elevado e nobre na natureza humana.

A razão é responsável não só pela consciência que o homem possui do próprio sentido exterior, bem como do sentido interior, mas também por governá-los e julgá-los. Assim, é interessante observar a ligação que santo Agostinho consegue fazer entre razão, sentido interior e sentido exterior, como uma forma de itinerário para que o homem chegue ao conhecimento da verdade.

Para Agostinho, a razão é o que torna o homem superior aos outros seres. A razão eleva o homem a um patamar que só a ele pertence, sendo prerrogativa exclusiva do ser humano:

Portanto, acima da natureza que apenas existe, sem viver nem compreender, como acontece com os corpos inanimados vem a natureza que não somente existe, mas também vive, sem contudo ter a inteligência, como acontece com a alma dos animais; e por sua vez, acima dessa última vem aquela natureza que ao mesmo tempo existe, vive e entende, aquela que é a alma racional do homem. [...] Vê, pois eu te peço, se podes encontrar na natureza do homem algo mais excelente do que a razão<sup>57</sup>.

Devemos ao ato racional o conhecimento que possuímos, tanto dos sentidos exteriores quanto do próprio sentido interior, porque é da razão que recolhemos o entendimento dessas realidades assim como as informações advindas delas. Como também a consciência de que nosso sentido interior é responsável por guiar e julgar nossos sentidos exteriores e até mesmo nossa compreensão de que somos seres que existem, vivem e pensam. Todas essas certezas dependem do ato intelectual:

Pois, a não ser ultrapassando esse mesmo sentido interior, o objeto transmitido pelos sentidos corporais poderá chegar a ser objeto de ciência. Porque tudo o que nós sabemos, só entendemos pela razão – aquilo que será considerado ciência. Ora, sabemos, entre outras coisas, que não se pode ter a sensação das cores pela audição; nem a sensação do som pela vista. E esse conhecimento racional nós não o temos pelos olhos, nem pelos ouvidos, e tão pouco por esse sentido interior, do qual os animais não estão desprovidos. Por outro lado, não podemos crer que os animais conheçam a impossibilidade de sentir, seja a luz pelos ouvidos, seja os

---

<sup>57</sup> *De lib. arb. II, 6, 13*

sons pelos olhos; visto que nós mesmos só o discernimos pela observação racional e pelo pensamento<sup>58</sup>.

Somente a razão é capaz de discernir, isto é, de compreender o que seja o cheiro, a cor, o som, o sentido externo que a percebe e o sentido interno que a julga. Não existe nenhuma outra potencialidade humana que não esteja a serviço da razão, pois somente ela é capaz de compreender todas estas coisas. Deste modo, é conhecendo a razão e sabendo utilizá-la que o homem se diferencia dos outros animais, porque a razão lhe dá a possibilidade de compreender a ação dos seus sentidos:

O homem é um animal racional mortal. Tendo sido definido com o gênero de animal, notamos que foram acrescentadas duas diferenças pelas quais, segundo me parece, o homem foi admoestado sobre aonde deve voltar-se e de onde deve fugir. Pois assim como a saída da alma caiu nas coisas mortais, assim o seu regresso deve ser para a razão. Em poucas palavras, distingue-se dos animais por ser racional; por outro lado, distingue-se do divino por ser mortal<sup>59</sup>.

A razão, faculdade intelectual do homem, está acima de todas as outras coisas existentes na natureza, como também da própria natureza, que apenas existe. Nossa razão é limitada, não conhecemos tudo de forma plena. O próprio conhecimento humano é insuficiente: “E até a própria razão, por seu lado, que por vezes se esforça por chegar à verdade, por vezes, não – por vezes a atinge e por vezes, não – mostra-se seguramente estar sujeita a mutações<sup>60</sup>.”

A razão é a faculdade que ajuda o homem a conhecer e adquirir o que é possível. Como veremos a seguir, na Iluminação Divina, Deus, ao iluminar a razão humana, coloca uma “capacidade” a mais em nosso intelecto nos possibilitando chegar ao conhecimento. Deus confere ao homem, dotado de razão, por meio de sua graça, a possibilidade de conhecer. Essa capacidade de conhecer é o que nos leva a contemplar a verdade.

---

<sup>58</sup> *De lib. arb.*, II, 3, 9

<sup>59</sup> *De ord.* II, XI, 31

<sup>60</sup> *Op. cit.*, II, 6, 14

### 3.5 A Teoria da Iluminação Divina no processo de conhecimento.

Na perspectiva de Santo Agostinho, a Iluminação Divina é a parte mais elevada de toda sua gnosiologia. Ela explica como temos acesso à Verdade e às realidades inteligíveis do mundo suprassensível.

Para Santo Agostinho, o conhecimento verdadeiro e eterno encontra-se em Deus. Todavia, não basta ao homem apenas ter vontade de alcançar o conhecimento concedido por intermédio divino. Para alcançá-lo, o homem precisa se desprender de tudo que é pecaminoso e passageiro e aproximar-se cada vez mais de Deus, fonte do verdadeiro conhecimento. Ele necessita se afastar ao máximo daquilo que é inferior, passageiro e mutável para que possa chegar àquilo que é superior, eterno e imutável. Apesar de Agostinho conferir aos sentidos um caráter importante, como já o vimos, no que diz respeito ao conhecimento é preciso não se deixar levar por eles. Lembremo-nos: os sentidos apresentam somente a aparência das coisas, a “coisa em si” só pode ser apreendida por meio da razão, iluminada por Deus:

A razão é o movimento da mente capaz de discernir e estabelecer conexão entre as coisas que se conhecem. Utilizar-se dela como guia para entender a Deus ou a própria alma que está em nós ou em toda parte, é próprio de pouquíssimos no gênero humano, não por outro motivo senão porque aquele que está disperso nos assuntos dos sentidos é difícil voltar-se a si mesmo<sup>61</sup>.

É notório que na filosofia de Agostinho a introspecção, ou seja, esse movimento de voltar-se a si mesmo é algo que auxilia o homem no conhecimento de Deus e da verdade eternas. Aqueles que estão dispersos nos sentidos não conseguem entrar no íntimo de si para começar a mergulhar nos assuntos da própria verdade.

Tendo em vista que o conhecimento para Santo Agostinho pode ser proveniente apenas de algo superior, ou seja, de Deus, o meio pelo qual o homem abarca o conhecimento é a partir da Iluminação Divina. Assim, o conhecimento humano só é possível através da interferência divina em nosso intelecto. Pelo que pudemos observar, temos certos vestígios do divino na razão. Como o conhecimento é desfecho de um processo da Iluminação Divina, esta luz tem como intuito iluminar as ideias e possibilitar ao homem sua contemplação.

Assim, para Santo Agostinho, as verdades eternas e imutáveis existentes no mundo suprassensível, estão estabelecidas em Deus, portanto o conhecimento

---

<sup>61</sup> *De ord. II, XI, 30*

provém de Deus, causa de tudo, e é por meio de sua iluminação, intervenção direta de Deus, que o homem pode conhecer.

Por meio da interiorização, da razão e da iluminação, o homem passa a reconhecer a presença de Deus e conseqüentemente conhecê-lo. A essa altura é inevitável observar a relação que a iluminação divina tem com a filosofia platônica. O fato de o bispo de Hipona beber do pensamento de Platão nos faz supor, sem que caímos em erros que, a Teoria da Iluminação Divina seria filha ou até mesmo uma reinterpretação "convertida ao cristianismo" da Teoria da Reminiscência platônica<sup>62</sup>.

De outra forma, poderíamos seguramente falar de uma superação da teoria da reminiscência pela iluminação agostiniana, uma vez que, para o bispo de Hipona, a filosofia grega, apesar de sua importância e do seu imprescindível papel no processo dialético de busca do conhecimento/verdade, mostrou-se insuficiente na condução do homem à sua interioridade, à Verdade eterna e ontológica que habita em seu próprio interior, daí a necessidade da Iluminação Divina. Na preexistência de Platão a alma irá reconhecer as ideias, visto que, nossa alma já contemplou o mundo das ideias. Na iluminação de Agostinho nossa razão só conhece porque é iluminada por Deus. Seria a preexistência/reminiscência platônica a iluminação agostiniana?:

Quisesse mostrar-me, antes de tudo, como fazes resistência aos soberbos e concede tua graça aos humildes, e como em tua misericórdia quiseste indicar o caminho da humildade, visto que o teu Verbo se fez carne e habitou entre os homens. Tu me proporcionastes, através de um homem inflado de orgulho imenso, alguns livros dos platônicos traduzidos do grego para o latim, onde encontrei escrito, se não com as mesmas palavras, certamente com o mesmo significado e com muitas provas convincentes, o seguinte: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito [...]". Mas, o Verbo, que é Deus, é "a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu". No entanto, nesses livros não encontrei escrito que "ele veio para o que era seu, e os seus não o receberam, e que a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus porque creram nele." [...] Aqueles, no entanto, que se apóiam em doutrina por eles consideradas mais sublimes, não o escutam quando diz: "Aprendeí de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para vossas almas". Ainda que conhecendo a Deus, não o glorificam como Deus, nem lhe rendem graças; pelo contrário, perdem-se em vão

---

<sup>62</sup> A teoria da reminiscência platônica pode ser entendida como uma forma de conhecimento que "antecede" a existência material, ou seja, a alma preexiste e contempla o mundo das ideias e o homem, num processo de reminiscência e interiorização relembra o que a alma outrora contemplou e assim pode conhecer.

arrazoados, e seu coração insensato fica nas trevas. Proclamando-se sábios, na realidade tornam-se estultos<sup>63</sup>.

É perceptível que Agostinho faz uma crítica aos pensadores neoplatônicos, entretanto, é inegável que há inúmeros pontos parecidos entre a doutrina dos neoplatônicos e a doutrina cristã. Como já foi dito, é a partir da teoria da reminiscência de Platão que Agostinho elabora sua doutrina da Iluminação Divina. A Iluminação Divina de Agostinho alinha-se, perfeitamente, com a metáfora do sol apresentada no Livro VI de *A República* de Platão (cf. VI, 508a-509c). Através desta analogia, Agostinho nos mostra que, assim como a luz do sol precipita-se sobre os objetos sensíveis para que os olhos materiais possam enxergá-los com clareza, da mesma forma, na Iluminação Divina, a Verdade, Deus, irradia sua luz no intelecto humano, de modo que a inteligência consiga enxergar e compreender as realidades do mundo inteligível.

No entanto, diferentemente de Platão, Agostinho irá formular que, para que se conheça a verdade, será necessário um movimento para dentro de si. Agostinho sempre evoca essa máxima de voltar a si mesmo, de interiorização como caminho para encontrar a alma, encontrando-a podemos conhecer e encontrar a Deus. Com isso, podemos extrair uma definição condensada a respeito da Iluminação Divina de Agostinho. Esta pode ser compreendida como a irradiação de uma Luz incorpórea que incide no intelecto, sobre as realidades inteligíveis fazendo com que a inteligência perceba esta nova realidade que se desvela, gerando assim, um conhecimento da Realidade/Verdade outrora desconhecida.

Não obstante, faz-se necessário elucidar a definição da natureza da Luz que ilumina o intelecto agostiniano. O pensador de Hipona refere-se a esta Luz como algo próprio da constituição ontológica do Ser Humano, ao mesmo tempo em que o ultrapassa. Apesar de encontrar-se no interior do homem de forma inata, a Luz que ora examinamos possui propriedades ontológicas, muito acima da estrutura metafísica da alma humana, parte mais nobre do ser humano, fato que faz desta Luz superior à própria natureza criada do homem.

---

<sup>63</sup> Conf. VII, 9

Em outras palavras, a Luz da Verdade mantém-se sempre ativa, irradiando sua Luz no intelecto humano, todavia, o homem prisioneiro da realidade material, permanece preso com o olhar voltado para o tangível, ou seja, para tudo aquilo que considera único e verdadeiro, enquanto suas costas permanecem voltadas para a Luz da Verdade, o que lhe impede de vislumbrar o conhecimento verdadeiro impregnado em toda a realidade sensível que o envolve. Tudo isto configura o processo cognoscitivo de apreensão da Verdade em Santo Agostinho como um desprender-se do mundo sensível, acompanhado de um movimento da alma em direção ao mundo inteligível, isto é, ao interior de si mesmo. Desta forma, seu intelecto, iluminado pelo Sol da Verdade, possibilita aos olhos interiores da alma uma visão clara de toda a Realidade metafísica-ontológica escondida sob o véu da concretude do mundo empírico-material que nos circunda.

O homem só consegue conhecer por intermédio divino na medida em que ele se afasta das vicissitudes e dos acontecimentos do corpo para poder contemplar e compreender as vontades Divinas. Assim como na caverna platônica<sup>64</sup> os prisioneiros se mantinham voltados para as sombras, da mesma forma, a humanidade, esquecendo-se das coisas espirituais, mantém-se voltada apenas para a materialidade do mundo, única realidade por ela conhecida. Todavia, apesar de tudo, o sol, símbolo do Bem em Platão e a própria Verdade em Agostinho, continua irradiando sua Luz no exterior da caverna, para todo aquele que pretenda se arriscar, desprender-se dos grilhões do mundo sensível e caminhar até o exterior da caverna para contemplar a Luz da Verdade que não está em outro lugar senão em si mesmo.

A busca pela verdade leva o indivíduo a compreender a si próprio e lhe traz sentido à vida, deste modo, a Iluminação Divina é necessária para que o intelecto humano pense, segundo a ordem instituída por Deus, trazendo luz às suas ideias. O homem nasceu para tomar conhecimento das verdades mais sublimes. Assim, livre das tentações da paixão, o homem passa por um processo de santificação, aproximando-se de Deus e do conhecimento verdadeiro. Assim, a iluminação divina ajuda o homem nesse processo de santificação, de afastamento dos prazeres

---

<sup>64</sup> O mito da caverna é uma metáfora para Platão explicar a diferença entre o mundo das ideias e o mundo dos sentidos; o processo de saída da caverna, do mundo dos sentidos para a parte exterior, ou seja, para o mundo das ideias que acontece por meio da crítica, do conhecimento, da filosofia. Levando ao homem ao conhecimento de fato, aquilo que é verdadeiro.

materiais, levando-o a buscar e conseqüentemente aproximar-se do conhecimento eterno e verdadeiro.

#### 4. SOBRE A VERDADE

A partir de todas as discussões levantadas no decorrer desta monografia a respeito de conceitos e caminhos que ajudam o homem na busca da verdade pelas vias agostinianas, faz-se necessário lançar uma indagação que nos parece ser o cerne da filosofia como um todo e o núcleo deste trabalho: o que é a verdade? É indiscutível que ao longo da história grandes nomes da filosofia tentaram dar uma resposta um tanto assertiva e convincente do que seria a verdade, ou seja, como conceitualizar a verdade. Tentaremos responder, à luz de Agostinho, esta indagação.

Nos Solilóquios<sup>65</sup>, indagado pela “Razão”, Agostinho escreve:

R. Define, então, a verdade.

A. Verdade é aquilo que é como parece à pessoa que conhece, se ela quer e pode conhecer. [...]

A. Então, assim afirmo e defino – nem temo que minha definição seja tachada de demasiado breve: na minha opinião, verdade é aquilo que é<sup>66</sup>.

Para Agostinho, a verdade pode ser entendida como algo que pode ser conhecido e tem uma íntima relação com o intelecto e com a capacidade de conhecer. Deste modo, a verdade é possível ao homem, visto que só o homem tem a capacidade/possibilidade de conhecer. Além dessa capacidade humana de conhecer, Agostinho deixa claro que a verdade também tem um caráter divino. Agostinho afirma que a verdade *é aquilo que é* e se formos analisar o caráter “divino” de tal afirmação iremos encontrar na Escritura Sagrada uma afirmação muito parecida. Quando Moisés pergunta o nome de Deus e o Senhor lhe diz: *eu sou aquele que sou*<sup>67</sup>. Assim, pode-se concluir que, para Agostinho, a verdade é o próprio Deus. Contudo, é preciso salientar que o conceito de verdade dentro da filosofia agostiniana não se

---

<sup>65</sup> Solilóquios é uma obra pós-conversão de Santo Agostinho. Após sua conversão Agostinho se retira para uma aldeia no norte da Itália com alguns amigos e sua mãe, Mônica. Neste período de retiro, Agostinho se dedica aos estudos, à filosofia, à meditação e busca de Deus e da verdade. É uma obra que está dividida em dois livros. É interessante observar que, na supracitada obra, Agostinho dialoga com seus amigos, mas no Livro I Agostinho dialoga consigo mesmo e sua razão faz o papel de instrutor e ele (Agostinho) faz o papel de discípulo, aquele que aprende. Nesta obra fica evidente a fecunda inteligência do Doutor da Graça. Na medida em que mergulha no abismo de si mesmo ele começa a encontrar respostas que antes estavam ofuscadas.

<sup>66</sup> *Sol. I, 5, 8*

<sup>67</sup> “Moisés disse a Deus: ‘Quando eu for para junto dos israelitas e lhes disser que o Deus de seus pais me enviou a eles, que lhes responderei se me perguntarem qual é o teu nome?’. Deus respondeu a Moisés: ‘Eu sou aquele que sou’. E ajuntou: ‘Eis como responderás aos israelitas: (Aquele que te chama) ‘Eu sou’ envia-me junto de vós’. Deus disse ainda a Moisés: ‘Assim falarás aos israelitas: É Javé, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó, quem me envia para junto de vós. Esse é o meu nome para sempre, e é assim que me chamarão de geração em geração.’” Ex 3, 13-15

resume em afirmar que a verdade é Deus, somente. O Bispo de Hipona deixa claro que existem verdades que decorrem da Verdade Eterna, mais adiante iremos analisar como Agostinho define e separa “as formas da verdade”.

Pode-se dizer que a verdade agostiniana parte da afirmação de que as coisas perecíveis e passageiras apenas distanciam o homem de sua busca. Nesta teoria, as riquezas, as honras, a glória e as paixões, ou seja, os prazeres em geral, afastam o homem do encontro da verdade e o deixam cada vez mais dependente dos vícios da carne. Entretanto, é preciso salientar que, apesar das coisas passageiras impedirem em sua totalidade o homem nesse itinerário da busca pela verdade, o homem precisa se valer das coisas efêmeras:

Devemos evitar inteiramente as coisas sensíveis e precaver-nos muito, enquanto vivemos neste corpo, para que nossas asas não sejam retidas pelo visgo dessas mesmas coisas. É necessário que nossas asas estejam íntegras e perfeitas para voarmos destas trevas àquela luz, que certamente não se digna mostrar-se aos que estão fechados nesta gaiola, a não ser que se portem de modo que, uma vez rompida e quebrada esta gaiola, possam escapar para as suas regiões. Por isso, quando estiveres em tal condição que absolutamente nada do que é terreno te cause deleite, acredita-me, naquele momento, naquele instante verás o que desejas<sup>68</sup>.

É interessante observar que Agostinho alerta para a dependência das coisas passageiras. Porém, ter um equilíbrio entre as coisas que passam e as coisas eternas é o que nos garante um pleno alcançar da verdade. Na hierarquia agostiniana é preciso escolher sempre os bens superiores em detrimento dos bens inferiores, porém, Agostinho não anula os bens inferiores, eles são importantes, quando usados de forma moderada para se chegar a Deus. O sentido exterior, como já vimos anteriormente, se vale de coisas passageiras para formular um conhecimento, mas não conhece a verdade última sobre os objetos. É preciso desejar as coisas elevadas e os bens superiores, pois neles se encontra a verdade, aquela verdade que não seja dupla face, mas a verdade plena:

R. Desejas coisas elevadas e divinas. Se chegarmos a elas, não haveremos, então, de proclamar que nessas coisas se realiza e se compõe a própria verdade, da qual toma seu nome tudo o que de algum modo é verdadeiro?

A. Concordo de bom grado<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> *Sol. I, 14, 24*

<sup>69</sup> *Ibid., II, 10, 18*

O ser humano que depende de algo passageiro para ser feliz está sempre preso à sorte dos acontecimentos, ao material, ao infortúnio e, qualquer dessas coisas, entristece-o; enquanto aquele que busca a verdade encontra-se a caminho da fonte da alegria, por ser ela imperecível e eterna. Somente o homem que não mais se encontra à mercê dos acontecimentos, por não ser mais escravo do corpo e dos seus sentidos, está apto a conhecer a verdade.

Para Santo Agostinho, é somente fixado no conhecimento de Deus que o homem poderá encontrar a verdade. De modo geral, a verdade em Agostinho está associada ao Divino. Entretanto, iremos analisar as formas possíveis de como a verdade pode se mostrar dentro da filosofia agostiniana:

Pois uma vez que não há melhor método pelo qual a verdade possa ser investigada do que perguntando e respondendo, raramente se encontra alguém que não se envergonhe ao ser convencido em discussão [...]. Entretanto, com a ajuda de Deus, pareceu-me bom investigar a verdade de maneira muito tranquila e convincente, segundo me parece, perguntando-me e respondendo a mim mesmo<sup>70</sup>.

Apesar de partir de Deus, fonte de toda verdade, sumo e eterno bem, a verdade mostra-se também de outras formas. Em outras palavras: Deus, sendo Verdade Eterna, é a fonte das outras verdades, que são verdades inferiores, porém, verdades que de certa forma são necessárias ao homem. Vejamos a seguir a classificação dessas verdades.

#### **4.1 Verdade Ontológica Original**

Obviamente, aqui, discutiremos a verdade ontológica original. Para entender melhor a divisão da verdade de Agostinho, é necessário primeiro esclarecer que há uma hierarquia no mundo de Agostinho. Se começarmos de um nível inferior, teremos os corpos, que incluem todas as criaturas sem sabedoria ou espírito. No nível superior aparece a alma humana, capaz de atingir dois níveis de verdade, a saber, ciência (*scientia*) e sabedoria (*sapientia*).

Em toda obra *A Verdadeira Religião (De vera religiones)*, o bispo de Hipona começa a dar indícios da relação de Deus com a verdade (Deus-Verdade). Sempre que Agostinho se referir a Deus como Verdade é no sentido ontológico: todas as verdades eternas estão acima da razão e são imutáveis. A verdade imutável que

---

<sup>70</sup> *Sol. II, 7, 14*

está acima da mente é o próprio Deus. Entende-se por verdades eternas os princípios morais, das razões dos números e de todas as verdades estritamente racionais, isto é, as quais o homem tem acesso independentemente dos sentidos:

Pelo fato de essa lei de todas as artes ser absolutamente imutável, enquanto o espírito – que recebeu o dom de constatar isso – está sujeito às variações do erro, é claro que existe acima nossa mente uma lei imutável chamada Verdade (...) A partir do que foi visto, é incontestável que aquela natureza imutável que se acha acima da alma racional é Deus. Aí se encontra a primeira vida, a primeira essência<sup>71</sup>.

O trecho acima é categórico em afirmar Deus como Verdade. Para Agostinho, Ele é a “única verdade, fonte de tudo que é verdadeiro”<sup>72</sup>. Segundo Fabiano Ricardo Paz<sup>73</sup>, é a partir da Verdade Ontológica Original isto é, Deus, que os demais seres são ditos verdadeiros. Deus também é fonte das verdades intelectuais obtidas pelo homem e, além disso, Ele é quem permite que o homem encontre essas verdades, já que as ilumina, como já mostramos anteriormente.

Contudo, surge uma indagação: é possível ao homem conhecer a Deus? Ou seja, a Verdade Plena? É sabido que não é possível possuímos a Verdade Plena nesta vida, visto que o conhecimento de Deus dar-se-á somente na beatitude. Conhecer a Deus significa contemplá-lo face a face. A Verdade Ontológica Original só será alcançada depois da morte, visto que somente assim, contemplaremos a face de Deus. Porém, já que o homem não pode contemplar/alcançar a Verdade Eterna no mundo imanente, Deus, por sua graça, vai se mostrando através das coisas criadas:

“Mas essa beleza acaso não se manifesta claramente a todos os que são dotados de sentidos perfeitos? Por que não fala a todos a mesma linguagem? Os animais, sejam grandes ou pequenos, a veem, mas não podem fazer-lhe perguntas. Não lhes foi concedida a razão, capaz de julgar as mensagens dos sentidos. Aos homens, porém, é dado indagar, para perceberem “o Deus invisível através da compreensão das coisas criadas”<sup>74</sup>.

Por último, podemos citar uma passagem do *De Trinitate*, onde Agostinho, mais uma vez, se refere a Deus como sendo a Verdade no sentido ontológico. Vejamos:

Na substância da Verdade, - pois essa de fato é a única que existe realmente -, não existe um maior ou um menos verdadeiro. Assim, o que

<sup>71</sup> *De vera. rel. 30, 51. 31, 57, grifo nosso.*

<sup>72</sup> *Conf. X, 23*

<sup>73</sup> PAZ, Ricardo Fabiano. *Conhecimento e iluminação em Agostinho*, pp. 39-40

<sup>74</sup> *Op. cit., X, 6*

é grande na Trindade, é grande pelo fato de existir verdadeiramente. Portanto, onde a grandeza é a própria verdade, tudo o que tem mais grandeza deve ter necessariamente mais verdade, e tudo o que tem de menos verdade, tem também de ter menos grandeza. Enfim, como tudo o que encerra mais verdade, sem dúvida, é mais verdadeiro, assim tudo o que é maior participa de mais grandeza; logo o que é maior é mais verdadeiro<sup>75</sup>.

É perceptível que Santo Agostinho no supracitado trecho faz uma referência à Santíssima Trindade. Além de fazer referência à Trindade Santa, podemos deduzir outras coisas. Por exemplo, o bispo de Hipona indica que há uma teoria da participação, na medida em que concede ao ser um grau de verdade e conseqüentemente um grau de *verum* (verdadeiro), ou seja, quanto maior o grau de verdade, mais verdadeiro é o ser. Entende-se, portanto, que Santo Agostinho confere ao ser graus de perfeição. Há, portanto, uma hierarquia que vai desde os seres inanimados até Deus.

#### 4.2 Verdade Epistemológica

Depois de analisarmos a verdade ontológica original, a saber, Deus, falaremos a respeito da verdade epistemológica. A verdade epistemológica é um bem inferior, se comparado à Verdade Ontológica Original. Apesar disso, só podemos alcançar a Verdade Ontológica Original pelas vias epistemológicas, visto que seremos iluminados pela graça e chegaremos à Verdade Imutável. A verdade epistemológica pode ser dividida em: verdades eternas, que são necessárias e imutáveis; e verdades contingentes, que são de uma determinada forma, mas que poderiam ser diferentes.

A verdade epistemológica está relacionada ao conhecimento que o homem é capaz de adquirir, seja através da Iluminação Divina, seja pelos sentidos. O homem, então, é capaz de apreender a verdade, pela Iluminação Divina, ao passo que o resto da criação, disposta hierarquicamente na filosofia de Agostinho, possui somente a capacidade de serem verdadeiras, e não de alcançarem a Verdade.

A apreensão da verdade pelo homem pode dar-se de duas maneiras. A primeira é a apreensão puramente intelectual das verdades eternas e princípios primeiros, o que acontece por meio da Iluminação Divina. A segunda maneira é a aquisição das verdades contingentes, que se dá por meio dos sentidos.

---

<sup>75</sup> *De. Trin, VIII, 1,2 (destaque nosso).*

Ao entendimento das verdades eternas e necessárias, Agostinho chama Sabedoria (*sapientia*) e a das verdades contingentes, chama ciência (*scientia*). A razão tem a dupla função de apreender tanto as verdades mais sublimes como as mais simples. A verdade epistemológica está relacionada à capacidade do homem de conhecer. É notório observar que a verdade epistemológica dentro da hierarquia de Agostinho é a “forma de verdade” mais comum, visto que, de certa forma, é o “tipo de verdade” mais acessível aos homens.

Para as verdades que constituem a sabedoria, é necessária a iluminação da alma e da inteligência; para as verdades contingentes, é necessário que o homem possa vê-las através dos sentidos. Como vimos, os sentidos, apesar de não darem de fato o conhecimento verdadeiro de determinado objeto, nos mostram a aparência desses objetos, o fato de mostrarem somente a aparência não anula a presença de conhecimento. Em outras palavras, é um conhecimento inferior, mas não deixa de ser conhecimento e necessitamos de tais sentidos para granjear a verdade plena. É notório que a verdade adquirida diretamente pela razão e através dos sentidos são de fato. Tal fato pode ser demonstrado através do livro X das *Confissões*, onde Agostinho fala da memória:

Não é só isto o que a capacidade imensa da minha memória encerra. Também lá se encontra tudo o que não esqueci, aprendido nas artes liberais. Estes conhecimentos estão como que retirados num lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, se não retivesse a imagem, deixaria fora o objeto. Neste caso sucederia como à voz que ressoa e logo passa, deixando nos ouvidos a impressão dum rasto que no-la faz recordar, como se continuasse a ressoar quando na realidade já não ressoa. Sucederia como ao perfume que, ao passare desvanecer-se nos ares, afeta o olfato, donde transmite para a memória a sua imagem, que se reproduz com a lembrança; como ao alimento, que no estômago perde o sabor, mas parece conservá-lo na memória; finalmente, como acontece a qualquer objeto que o corpo sente pelo tato e que a memória imagina, mesmo quando afastado de nós. De fato, todas estas realidades não nos penetram na memória. Só as suas imagens é que são recolhidas com espantosa rapidez e dispostas, por assim dizer, em células admiráveis, donde admiravelmente são tiradas pela lembrança<sup>76</sup>.

A partir da perspectiva agostiniana podemos classificar a memória em duas: “memória empírica”, aquela que armazena as sensações advindas dos sentidos

---

<sup>76</sup> *Conf. X, 9, 16*

e a “memória científica” (*scientia*), que armazena os conteúdos necessários à sobrevivência e manutenção do homem no mundo. Seria justamente essa capacidade de conhecer o mundo, “dominar/desvelar”. Tal ciência é de extrema importância para que o homem prossiga nesse itinerário de busca pela verdade, a verdade está contida na ciência, ainda que de modo inferior. O segundo tipo de memória é intelectual, ou seja, não tem relação com os cinco sentidos. Nessa memória também se encontram os princípios primeiros e as razões da matemática e da geometria. Estes, claramente, são conteúdos do que Agostinho chama de *sapientia*. Ora, os conteúdos da *sapientia* são também verdades necessárias, eternas e imutáveis.

Como o homem é capaz de apreender e reter em sua memória esses dois tipos de verdades fica claro que ele participa da verdade ontológica em si - Deus, ou seja, que o homem é o que Agostinho chama de *verum* ou uma instância da verdade. Neste sentido o homem é partícipe da Verdade Ontológica, o homem é verdadeiro enquanto existência, enquanto partícipe de Deus, visto que o homem é criatura da Verdade Eterna. Agostinho deixa claro que toda e qualquer verdade depende da Verdade em si, Deus. Pode-se afirmar com certeza que o homem é capaz da verdade e, de fato, se apropria dela, epistemologicamente falando. Tal apropriação dar-se-á na medida em que o homem consegue dominar as ciências, quando ele consegue aprender tal verdade.

Ao falar da verdade epistemológica, podemos afirmar que o Hiponense se refere a uma verdade segura e confiável que, apesar de estar sujeita às vicissitudes do tempo, consegue dar respostas satisfatórias às necessidades impostas pelo mundo material. Ora, a ciência nos fornece conhecimentos seguros e confiáveis.

O conceito da *scientia*<sup>77</sup> (conhecimento certo) diz respeito à aquisição de meios para conduzir a vida da melhor maneira possível, assim, dentro dessa perspectiva pode-se pensar o conhecimento certo (ciência) como um conhecimento que conduz a verdade e ajuda o homem a guiar suas ações nesse mundo marcado por uma realidade passageira.

Apesar de Agostinho ser um filósofo que prezava de modo enfático por tudo aquilo que visasse o eterno, ele não deixa e nem poderia deixar de lado a realidade, em tese, a ciência das coisas sensíveis é um degrau a subir para se chegar

---

<sup>77</sup> *De Trin.* V, 2,3

ao conhecimento da Verdade (Deus). A ciência (verdade epistemológica) é uma forma do homem conhecer a criação, as coisas sensíveis. A ciência pode ser identificada como ação, visto que, a ciência não é somente a prerrogativa do conhecimento, mas um meio para que o homem possa dirigir suas ações, levando a uma purificação interior.

Assim, o conceito de ciência<sup>78</sup> implica na possibilidade de o homem conhecer a si mesmo e conhecer as coisas criadas, o mundo sensível. A ciência é uma ação meramente temporal, visto que, ela se dedica ao conhecimento daquilo que passa. Assim, o conhecimento de Deus implica o conhecimento de si mesmo e da realidade, ou seja, para conhecer o eterno é preciso conhecer aquilo que passa (o homem e a realidade). Mas somente em Cristo, sabedoria de Deus, o homem poderá superar as verdades epistemológicas chegar e alcançar à verdade Eterna. Somente em Cristo, Verbo eterno de Deus, o homem pode equilibrar e ordenar a ciência. Cristo é a ponte, ou seja, a reconciliação entre a humanidade caída e o Pai.

No livro *XII do De Trinitate*, o Bispo de Hipona faz uma relação entre ciência e sabedoria e mostra como o pecado arranhou o conhecimento que o homem pode adquirir. Assim, Agostinho pretende mostrar as consequências do pecado (que limitou o conhecimento) agindo sobre a ciência. Santo Agostinho não é um idealista ou um pensador ingênuo, que atribui todo conhecimento da verdade às realidades eternas, somente. O Mestre de Hipona também se debruça em conhecer as verdades do cotidiano, as realidades sensíveis.

Para o Doutor da Graça, conhecer as realidades temporais por meio da ciência, ajuda o homem a viver bem e desenvolver as virtudes, consequentemente pelo conhecimento advindo da ciência, buscar a Deus. O Mestre de Hipona não nega o mundo temporal, seria algo absurdo. Precisamos nos ater a realidade para vivermos bem. A ressalva do Bispo de Hipona é para que se use o conhecimento racional, às verdades epistemológicas, como caminho para Deus, ou seja, usar tais verdades de forma correta para que o homem se desenvolva.

Por conseguinte, Santo Agostinho condena uma ciência autossuficiente, uma ciência que se basta em si mesma. A ciência orgulhosa<sup>79</sup>. A soberba e o orgulho comprometem a aquisição de conhecimento. Assim, é preciso se valer da humildade

---

<sup>78</sup> Conhecimento racional das coisas do mundo.

<sup>79</sup> *De Trin. XII, 11, 16*

para usar a ciência de forma correta. Assim, a pretensão de Agostinho é levar o homem, por meio da ciência, como um conhecimento racional das coisas terrenas, chegar à sabedoria cristã, visto que o ordenamento do conhecimento humano é (re)estabelecido pela graça de Jesus Cristo. O homem pode e deve conhecer o mundo material. O problema apontado pelo santo Bispo é causado pelo pecado, ou seja, na medida em que se conhece é possível que o homem se detenha nas belezas do mundo e se esqueça de voltar seu olhar para aquele fim último e necessário para o qual fomos criados (Deus).

### 4.3 Verdade Ontológica por Participação.

Observando as outras coisas que estão abaixo de ti, compreendi que absolutamente não existem, nem totalmente deixam de existir. Por um lado existem, nem totalmente deixam de existir. Por um lado existem, pois provém de ti; por outro não existem, pois não são aquilo que és. Só existe realmente aquilo que permanece imutável. “Bom para mim é apegar-me com Deus”. Porque, se eu não permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo. “Ele, imutável em si mesmo, renova todas as coisas. Te és o meu Senhor, porque não tens necessidade de meus bens.”<sup>80</sup>

No primeiro nível, temos a existência, tudo aquilo que não for animado, mas que exista. Por exemplo, a água ou qualquer outra coisa que o leitor imagine. Para Agostinho até que ponto essas coisas que, aparentemente, são insignificantes “sem qualquer tipo de animus/vita” participam da Verdade ou podem ter algum grau de verdade em si?

Em um segundo nível, encontram-se os seres que possuem alma, mas nenhuma outra faculdade além da alma. Aqui estão as plantas, por exemplo, pois possuem uma “alma vegetal”, porém não sentem. Pode-se perguntar também em que grau esses seres dotados de alma vegetal são verdadeiros, isto é, o fato de terem alma os faz participar mais da Verdade?

Ademais, surge uma problemática: onde os animais se encaixam nessa classificação agostiniana, tendo em vista que, eles existem, sentem, tem “alma”, não no sentido amplo evidentemente, mas uma alma instintiva ou na filosofia Tomista uma espécie de memória estimativa. Apesar dessas características marcantes os animais e os homens ainda permanecem numa diferença abissal, o homem possui a

---

<sup>80</sup> Conf. VII, 11, grifo nosso

razão os animais não, assim, na hierarquia que costumamos fazer para melhor compreender o pensamento de agostinho segue-se que Deus é o que se tem de mais verdadeiro, por obviedade, em seguida temos o ser humano, enquanto criação perfeita de Deus<sup>81</sup>, conseguindo uma maior participação em Deus pelo fato de tomar consciência de si, do mundo e do próprio Deus, por fim, temos todos os demais seres que existem, vivem, sentem ou são apenas inanimados. Desta feita, concluímos que há uma espécie de graus de verdade (*veritas*) na filosofia de Agostinho (verdade ontológica, verdade epistemológica e verdade por participação). Por consequência lógica é possível deduzir que há níveis de *verum* (verdadeiro), ou seja, é possível, dentro do pensamento do santo bispo, aferir diferentes graus de “verdade” as coisas podendo algo ser mais ou menos verdadeiro. Vejamos a seguir a diferença entre *veritas* e *verum*.

Na obra *Solilóquios*, o mestre de Hipona dedica alguns livros sobre o tema da verdade. Primeiramente, é possível analisar a distinção feita por Agostinho entre os conceitos de *verum* (verdadeiro) e *veritas* (verdade), entender tais conceitos nos ajudam a identificar, dentro da filosofia de Agostinho, aquilo que é verdade e aquilo que é verdadeiro, ou seja, aquilo que de alguma forma participa da verdade.

Vejamos como Agostinho trata a distinção entre *verum* e *veritas* nos *Solilóquios*:

R. Primeiramente, vejamos o seguinte: sendo verdade e verdadeiro duas palavras, parece-te que estas palavras significam duas coisas ou somente uma?

A. Parecem significar duas coisas. Pois, assim como uma coisa é castidade e outra coisa é casto e assim por diante, assim creio que uma coisa é verdade e outra o que se diz verdadeiro.

R. Qual dessas duas achas que seja superior?

A. A verdade. Pois não é a castidade que se faz pelo casto, mas sim o casto que se faz pela castidade. Assim também o que é verdadeiro certamente o é pela verdade.<sup>82</sup>

Ou seja, verdadeiro é de fato o ato de existir. Algo é verdadeiro enquanto partícipe da Verdade (*veritas*). Assim sendo, a verdade está acima daquilo que é verdadeiro, assim, o *verum* participa da *veritas* (verdadeiro participa da verdade). Assim, o homem, dotado de razão, tem a capacidade de ser verdadeiro, enquanto existe, e pode alcançar o conhecimento da Verdade, isto é, Deus. O homem tem a

---

<sup>81</sup> Imagem e semelhança.

<sup>82</sup> *Sol. I, 15, 27*

capacidade de ser verdadeiro, visto que, é partícipe de Deus enquanto criatura e ao mesmo tempo pode alcançar a Verdade, uma vez que, é dotado de todas as faculdades para se chegar a tal fim. O bispo de Hipona também fala, ainda no *De Trinitate*, sobre um Deus criador que contém em si as razões de tudo o que é criado: “Pois é como uma arte do Deus onipotente e sábio, que em sua plenitude contém todas as razões dos seres vivos e imutáveis<sup>83</sup>.”

Desta feita, dentro da discussão do *verum* e *veritas*, Santo Agostinho levanta a seguinte discussão: caso o verdadeiro pereça, a verdade irá perecer também? A resposta é negativa, o *verum* pode perecer e vai perecer, contudo, a verdade é imperecível. Pode-se dizer que, o verdadeiro é algo contingente em relação à verdade, algo imutável. A verdade não deixará de existir caso aquilo que seja verdadeiro venha a perecer. Por exemplo, afirmar que “Ambrósio está dormindo agora” e de fato ele está dormindo, a proposição é verdadeira. No momento em que Ambrósio acorda, a proposição se torna falsa. Porém, isso não afeta em nada a verdade em si, ou seja, a verdade não deixa de ser porque o *verum*, que participa da verdade, pereceu. Para tentar responder a tal problemática, Agostinho usa um exemplo bastante conhecido nos *Solilóquios*, entre a diferença entre casto e castidade:

R: primeiramente, vejamos o seguinte: sendo verdade e verdadeiro duas palavras, parece-te que estas palavras significam duas coisas ou somente uma?

A: Parecem significar duas coisas. Pois, assim como uma coisa é castidade e outra coisa é casto e assim por diante, assim creio que uma coisa é verdade e outra o que se diz verdadeiro.

R: Qual dessas duas achas que seja superior?

A: A verdade. Pois não é castidade que se faz pelo casto, mas sim o casto que se faz pela castidade. Assim também o que é verdadeiro certamente o é pela verdade<sup>84</sup>.

Destas poucas linhas podemos apontar que existe uma espécie de “teoria da participação”, ou melhor, uma verdade por participação na filosofia de santo Agostinho. Por participação, tudo o que foi criado por Deus participa do seu ser e atributos em alguma medida. Assim, se Deus é o Ser em si, a Verdade em si, a Bondade em si, todos os seres criados terão de ser, serão verdadeiros e bons em alguma medida. Contudo, é preciso salientar que Deus não é um ser fragmentado,

---

<sup>83</sup> *De Trin. VII, 10, 11*

<sup>84</sup> *Sol. I, 15, 27*

espalhado pelo mundo imanente por meio de partículas que estão nas coisas, como apregoava os maniqueus no tempo de Agostinho.

Faz-se necessário salientar que a verdade ontológica por participação não é uma espécie de "panteísmo", ou seja, tudo não é Deus, mas as coisas participam de Deus, participam de Deus enquanto criação. Essa participação das coisas em Deus é meramente meio de fundamentação daquilo que é verdadeiro. As coisas são verdadeiras porque foram criadas pela Verdade. Assim, é necessário observar que Deus não está em tudo, mas tudo está em Deus e se tudo está em Deus é porque participa d'Ele de alguma forma:

Volvi o olhar para as outras coisas, e vi que devem a existência a ti e são todas limitadas em ti, porém de modo diferente, não como no espaço: na verdade, tu tens todos como na palma da Mão, porque todas as coisas são verdadeiras enquanto existem, e não há falsidade senão quando pensamos existir o que não existe. [...] vi que tu, único ser eterno, não começaste a agir depois de incalculáveis espaços de tempo, porque todos esses espaços de tempo, passados ou futuros, não poderiam ir nem vir se tu não agisses, e não fosses permanente.<sup>85</sup>

Podemos afirmar, que todos os seres criados, que são *verum*, ou seja, verdadeiros, pois existem, assim, tiram essa sua verdade por uma participação na Verdade em si. Assim, diante das alegações mencionadas é necessário observar que só existimos porque participamos d'Aquele que é a Verdade. Assim, com a verdade ontológica por participação, Agostinho quer mostrar que as coisas são verdadeiras enquanto existentes, enquanto criadas por Deus, a prerrogativa de serem *verum* (verdadeiro) só o é por causa de Deus, Verdade Eterna.

---

<sup>85</sup>Conf. VII, 15

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, não é de agora que a temática da verdade está nos grandes debates filosóficos. Por esse motivo, foi necessário que tornássemos a reflexão desse tema em nosso trabalho. A verdade exposta na filosofia de Agostinho se mostra de modo bastante peculiar, um tanto fácil de ser compreendida. Tendo em vista que, para o bispo de Hipona a verdade é Deus e todas as outras decorrem d'Ele, fonte de tudo. Porém, ao longo do nosso trabalho ficou perceptível que, apesar da verdade se encerrar em Deus, faz-se necessário percorrer caminhos para que essa verdade seja, de fato, alcançada.

Nessa perspectiva, foi possível analisar a trajetória do homem nesse empreendimento filosófico e existencial, desde a nossa análise da passagem de Agostinho pelas veredas do maniqueísmo até suas refutações à doutrina cético-acadêmica e como essas experiências ajudaram o bispo de Hipona no seu amadurecimento filosófico e no seu processo de busca pela verdade. Apesar da passagem de Agostinho pela confusão maniqueísta e pela incredulidade dos cétricos, o pensador de Hipona saiu invicto de tais empreitadas, tornando-se um opositor ferrenho de tais doutrinas. Além disso, observamos a célebre “dicotomia” da relação entre fé e razão, tema tão recorrente entre os filósofos cristãos, mas não só entre eles. A partir da genialidade de Agostinho demonstramos como o Bispo de Hipona nos apresenta essa relação que, pelo viés agostiniano não é dicotômico, pelo contrário fé e razão ajudam o homem nessa busca pela verdade, uma nos ajuda a bem viver a outra e vice versa, podemos afirmar que há uma relação simbiótica entre elas, sendo ambas caminho para alcançar a beatitude.

Percorremos também pela instância corpórea, ou seja, em que medida o corpo nos ajuda nessa missão de busca pela verdade? Qual a função dos cinco sentidos nesse processo de aquisição da verdade? Tais sentidos são confiáveis e nos levam à verdade plena? Tais problemáticas foram surgindo ao longo do nosso trabalho e na medida de nossas necessidades fomos sanando as indagações. Ademais, analisamos o papel do sentido interior, como aquele que julga as sensações captadas pelos sentidos e a partir deste “julgamento” o ser escolhe qual decisão irá tomar no caso concreto, seja de afastamento ou distanciamento da coisa captada. A partir daí

conseguimos analisar como tais sentidos auxiliam o homem nesse processo de busca pela verdade.

Por fim, fizemos a célebre pergunta: o que é a verdade? A partir de tal indagação fomos analisar, juntamente com o Bispo de Hipona, em que consistia tal pergunta. Agostinho nos apresenta uma verdade de forma classificada, ou seja, uma verdade que pode ser entendida como material e outra transcendental. As verdades materiais podem ser classificadas como: verdade por participação e verdade epistemológica, que são as verdades necessárias à sobrevivência do homem, às verdades científicas, matemáticas etc., bem como à existência das coisas, ou seja, na medida em que as coisas existem elas são verdadeiras porque foram criadas pela Verdade. Temos a verdade transcendental, aquela que é o ápice da filosofia de Agostinho, que podemos classificá-la como: verdade ontológica original, ou seja, Deus. Deus é a verdade, e é a partir dele que tudo que existe é verdadeiro em maior ou menor grau. Todo caminho percorrido por Agostinho em busca da verdade irá desembocar n'Aquele que É, em Deus, em seu anseio pela verdade Agostinho encontra aquele que fere o coração, em sua busca “descrente” pela verdade, Agostinho encontra a fonte de toda crença. Em sua busca pela verdade Agostinho encontra tudo, porque encontrou Deus.

Portanto, a contribuição que Agostinho tem a nos trazer é que a posse da verdade demanda um esforço de nossa parte, inevitavelmente. Entretanto, é por graça e misericórdia de Deus que conseguimos alcançá-la, o Senhor infunde sua Iluminação Divina em nosso intelecto para que possamos conhecer.

A problemática da verdade agostiniana frente ao cenário atual, marcado por tantas inverdades e mentiras é um alerta, será que a sociedade atual está buscando a “verdadeira verdade” ou se limita a viver na aparência enganadora dos sentidos? Verdadeiramente, a filosofia agostiniana nos leva a um estado de (re)pensar em que nível estamos: das aparências, somente; ou, da verdade plena.

## REFERÊNCIAS

Agostinho, Santo. **A Cidade de Deus: contra os pagãos**. 6a edição. Tradução: Oscar Paes Leme. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005. Vols. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **A Mentira. Contra a Mentira**. Tradução de Antônio Pereira Júnior, Marcos Roberto Nunes Costa, Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2019. Coleção Patrística.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. 2. ed. Trad. e introd. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. (Col. Patrística).

\_\_\_\_\_. **A Verdadeira Religião; O cuidado devido aos mortos**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística, 19)

\_\_\_\_\_. **Confissões**. 1a ed. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultura, 2000.

\_\_\_\_\_. **Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística.

\_\_\_\_\_. **O Livre-Arbítrio**. 3a ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Solilóquios e A Vida Feliz**. 2a ed. Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

ARENDDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. 1ª ed. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).

BOEHNER, P. & GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. 6a ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. Academia francesa; tradução de Cristiane Negreiros. 2a ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

PEREIRA JÚNIOR, Antônio. **Agostinho e o ceticismo: um estudo da crítica agostiniana ao ceticismo em Contra Acadêmicos**. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Natal:

2012. Disponível em  
<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16501/1/AntonioPJ DISSERT.pdf>  
PLATÃO, **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa:  
Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.